



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

FRANCIMARY DA SILVA FRANÇA

**O SAGRADO MERCANTILIZADO EM “DEUS MIX”
E O “SHOPPING DE DEUS”, DE LUÍS AUGUSTO CASSAS**

**Campina Grande/PB
2012**

FRANCIMARY DA SILVA FRANÇA

**O SAGRADO MERCANTILIZADO EM “DEUS MIX”
E O “SHOPPING DE DEUS”, DE LUÍS AUGUSTO CASSAS**

Dissertação de mestrado
apresentada ao Curso de Mestrado
em Literatura e Interculturalidade da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito para obtenção do
título de **Mestre**.

Professor Orientador:
Dr. Eli Brandão da Silva.

**Campina grande/PB
2012**

FRANCIMARY DA SILVA FRANÇA

**O SAGRADO MERCANTILIZADO EM “DEUS MIX”
E O “SHOPPING DE DEUS”, DE LUÍS AUGUSTO CASSAS**

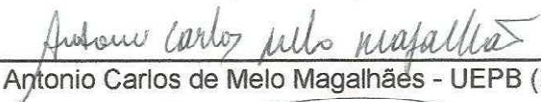
Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de **Mestre**.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

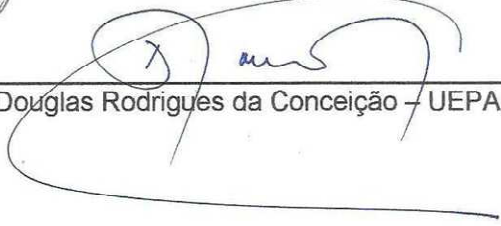
BANCA EXAMINADORA



Prof. Eli Brandão da Silva (Orientador)



Antonio Carlos de Melo Magalhães - UEPB (Examinador)



Douglas Rodrigues da Conceição - UEPA (Examinador)

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

F814s França, Francimary da Silva.
O sagrado mercantilizado em Deus mix e O Shopping de Deus de Luís Augusto Cassas. [manuscrito] / Francimary da Silva França. – 2012.
94 f.

Digitado.
Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, 2012.
“Orientação: Prof. Dr. Eli Brandão da Silva, Departamento de Letras e Artes”.

1. Análise literária. 2. Teologia. 3. Literatura brasileira. I. Título.

21. ed. CDD 801.95

AGRADECIMENTOS

Agradecer a forma como extraordinária as coisas aconteceram. Deus agiu e a obra aconteceu, sem a sua inspiração nada se realizaria. Estava em linhas escrito que o momento de terminar esse trabalho chegaria. Que algo deveria ser dito, que antes não houvera sido citado sobre a poética maranhense de Luís Augusto cassas.

Este sonho é um projeto de vida, de pessoas que a oportunidade não chegou à porta. Que as circunstâncias da vida impediram de realizar seus sonhos, e que milimetricamente dedicaram sua vida a realizar em mim, o que as circunstâncias lhes frustraram. Meus pais me deram o ensinamento mais importante, o de conquistar o meu sonho, de buscar meus anseios, não é possível deixar de agradecê-los.

Nada é possível sem aquelas pessoas que te digam que você está errado, que deve se apressar, que vale à pena tentar. Diante disso é preciso agradecer a minha fiel companheira Eliene Medeiros da Costa. E traduzir o que nossa relação significa, é traduzir uma história de várias pesquisas, dificuldades e obstáculos vencidos.

Essas dificuldades foram sendo vistas de perto por nosso orientador Eli Brandão da Silva, que com toda calma do mundo e presteza, nos mostrou como sermos pesquisadoras. Ao mesmo, agradeço por me apresentar um autor que me completou que me fez querer estudar cada dia mais, e me descobrir uma estudante a apreciadora da poesia contemporânea e dos estudos acerca do sagrado.

A cada raio de sol e manhã de inverno que passei em frente ao computador buscando nos poemas de Cassas a atitude em relação ao Sagrado, essência do humano que nenhum poeta é capaz de desnudar, diante de tanta evolução só me resta agradecer.

*O poeta mastiga o mundo
O mundo mastiga o poeta
Deus toma seu chá de camomila.
(Cassas, 1998, p.15)*

RESUMO

Tomando como objeto de análise o texto literário que é lugar de representação da realidade e ao mesmo tempo considerando-o como um discurso que se constrói em relação a outros, este trabalho busca ressaltar o discurso literário como constituinte que dialoga com diversas áreas, dentre as quais a da realidade sociocultural. Neste sentido, a presente pesquisa põe em destaque questões relativas à representação operadas no interior da literatura que trazem à tona um diálogo entre o discurso da religião cristã e o tema da mercantilização do sagrado. A pesquisa apresenta um estudo do conteúdo teológico contido em poemas de Luís Augusto Cassas, e discute as relações entre literatura e teologia configuradas nos poemas de dois de seus livros, **Deus Mix: salmos energéticos de açai com guaraná e Cassis** e **O shopping de Deus & a alma do negócio**. Nesta análise dos poemas busca-se identificar nas obras determinadas figuras que revestem no texto literário a temática da mercantilização do sagrado. Para tanto nos utilizamos da análise de processos intertextuais e interdiscursivos tomando como base os estudos de Maingueneau (1993/2004) e Fiorin (1994/2008), o primeiro que propõe o estudo do texto literário a partir de sua propriedade dialógica e heterogênea da linguagem, o segundo por propor uma análise dos fenômenos que constituem os discursos, e os sentidos. Entendemos que esta propriedade da linguagem e do texto de ser produzida em diálogo constante dentro da cultura revela a relação do texto literário com discursos teológicos, com textos teológicos, com temáticas voltadas para o discurso religioso. Nos apoiamos teoricamente nos estudos de Brandão (2003/2008), Magalhães (2000/2008) e Barcellos (2001), a partir dos quais entendemos como Literatura e a Teologia se conectam há muito tempo através dos textos. Apresentamos, por fim, como o sagrado que se faz presente nos poemas de Cassas representa as faces do humano em sua relação com o sagrado e com o profano e as novas transformações ocorridas contemporaneamente no âmbito da cultura religiosa, como esta relação de dualidade do homem, muitas vezes dividido entre Deus e o mundo, na obra de Cassas se integram, revelando uma relação mercadológica entre o(a) fiel homem e o sagrado, numa intensa negociação pela graça, e ao mesmo tempo numa tomada do humano que configura as relações religiosas pelos preceitos do mercado.

Palavras-chave: Literatura. Religião. Mercado.

ABSTRAT

Taking as an object of literary text analysis that is place of representation of reality and at the same time considering it as a speech which builds on others, this work seeks to highlight the literary discourse as a constituent that talks to a variety of areas, including the socio-cultural reality. In this sense, this research highlights issues relating to representation of the literature that operated inside will bring up a dialogue between the discourse of Christian religion and the theme of the commodification of the sacred. The survey presents a study of the content contained in the poems of theological Luis Augusto Cassas, and discusses the relation this analysis of poems in the works identified search certain figures lining in the literary text of sacred thematic commoditization. For both the use of intertextual and interdiscursive process analysis based on the studies of Maingueneau (1993/2004) and Fiorin (1994/2008), the first which proposes the study of literary text from its heterogeneous and Dialogic Dynamics property of language, the second by proposing an analysis of phenomena that constitute the speeches, and the senses. We believe that this property of language and text to be produced in constant dialogue within the culture reveals the relationship of literary text with theological discourses, with theological texts, with religious discourse-oriented themes. We support theoretically in the studies of Brandão (2003/2008), Magalhães (2000/2008) and Barcellos (2001), from which we understand how Literature and theology connect long ago through the texts. Here, finally, as the sacred that is present in the poems of the human faces of Cassas represents in its relationship with the sacred and the profane and the new contemporaneously transformations within the religious culture, as this relationship of duality of man, often divided between God and world, the work of Cassas integrate, revealing a relationship between marketing true and holy man, an intense negotiation by grace, while making a set of human relations by the religious precepts of the market.

key - words: literature, religion, market.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. LITERATURA COMO PAPLIMPSESTO.....	14
1.1 ARTE LITERÁRIA: DEFINIÇÕES EM FOCO.....	14
1.2 LITERATURA E INTERCULTURALIDADE.....	16
1.3 LITERATURA INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE.....	19
1.4 PARÓDIA E CARNAVALIZAÇÃO NO TEXTO LITERÁRIO.....	25
1.5 A POÉTICA E O DISCURSO METAFÓRICO.....	32
1.6 DISCURSO METAFÓRICO E SIMBÓLICO.....	31
1.7 TEOLOGIA E POESIA NA POÉTICA DE CASSAS.....	39
2. LITERATURA, RELIGIÃO E MERCADO.....	43
2.1. RELIGIÃO E LITERATURA.....	43
2.2 RELIGIÃO E MERCADO.....	49
2.3 RELIGIÃO E MERCADO FINANCEIRO NA LITERATURA	54
3. DEUS MIX E O SHOPPING DE DEUS: SAGRADOS NEGÓCIOS	61
3.1 UMA POÉTICA DE RELIGAÇÃO DO HUMANO COM O SAGRADO.....	61
3.2 MERCANTILIZAÇÃO DO SAGRADO E GLOBALIZAÇÃO.....	68
3.3 DEUS MIX: O SAGRADO ESTÁ NO MERCADO.....	71
3.4 O SHOPPING DE DEUS: O SAGRADO É A ALMA DO NEGÓCIO.....	79
3.5 SAGRADO GLOBALIZADO NOS POEMAS DE CASSAS.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
PREFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92

INTRODUÇÃO

A literatura através de seus textos consegue representar a vida humana em todos os seus aspectos e dentro da cultura ela dialoga com diversos saberes. Uma das formas de diálogo se dá através das relações interdiscursivas que o texto literário evoca. O texto é lugar da manifestação de diversos discursos que se apresentam como vozes no âmbito textual revelando as vivências e as experiências humanas. E o texto, que é o lugar da manifestação de várias alocações, é também o lugar onde estas vozes dialogam e se entrecruzam formando as redes de formulação discursiva. Entre estes discursos destacamos a relação entre o discurso teológico e o literário, que se reformulam e interagem dentro da cultura de forma constante, tanto relativamente aos temas quanto em relação ao material de elaboração utilizado. Ambos os discursos estão presente na vida dos seres humanos, ambos retratam as experiências vivenciadas pelos homens, em muitos momentos se confundem.

Tomando como base estas asserções acerca do texto literário nosso estudo pretende investigar as relações textuais e interdiscursivas entre o discurso literário e o discurso teológico, o discurso da religião, que se configuram em diálogo nos poemas de Luís Augusto Cassas, presentes em seus livros **DEUS MIX: SALMOS ENERGÉTICOS DE AÇAÍ COM GUARANÁ E CASSIS**, e **O SHOPPING DE DEUS & ALMA DO NEGÓCIO**.

O objetivo deste estudo é analisar e discutir o conteúdo teológico presente no texto de Cassas, considerando os extratos discursivos de

identificação e diferenciação relativos aos poemas em relação a textos e temáticas relacionadas ao sagrado, mais precisamente referenciados a textos da cultura cristã, e a partir desta análise discutir a presença da temática da mercantilização do sagrado presentes nesses poemas. Consideramos que existe sempre dentro dos diversos textos a constituição de discursos que se inter-relacionam dentro de nossa cultura, constroem-se a partir de pontes de contato direto ou indireto com outros textos. No caso de Literatura e Teologia deve-se considerar que os textos constitutivos dessas duas áreas do saber já se relacionam desde os primórdios da humanidade, nos mitos religiosos. A fé e as crenças do homem aparecem nos primeiros sinais de escrita impressos nas paredes das rochas e prosseguem através da história, reafirmando uma encruzilhada dialógica entre a Teologia e a Literatura. Essas relações constituíram-se ao longo dos séculos através dessa possibilidade polifônica da linguagem de fazer-se heterogênea.

Por um lado a Literatura é uma arte que se utiliza da palavra como instrumento de sua criação e, pela própria natureza da linguagem, transporta os mais variados temas; por outro, a teologia, que também se utiliza deste instrumento, não o faz necessariamente com intuito de produzir arte, mas com o propósito de formular um discurso sobre o sagrado. A primeira, ao se configurar captando diversos estratos discursivos, refrata textos e discursos da última; esta, não tendo como dizer o indizível, busca na dimensão metafórica da primeira o material adequado às suas diversas formulações e interpretações. Ou seja, a Teologia utiliza a Literatura para tentar fazer-se significável e a Literatura se utiliza de conteúdos teológicos para fazer arte, que é entre outras agregações representar o mundo e suas significações através da

palavra.

A fim de melhor apresentar essas questões e situá-las no contexto da produção literária, e de sua manifestação discursiva dialógica com a Teologia, este estudo encontra-se organizado em três momentos. No primeiro, intitulado de **LITERATURA COMO PALIMPSESTO**, nos utilizaremos de algumas concepções acerca da Literatura, num primeiro momento, e procuramos verificar o papel da arte literária dentro da cultura e da sociedade, para que, entendendo as especificidades do fenômeno literário e as influências incidências da cultura e da sociedade sobre este, possamos destrinchar suas potencialidades dialógicas com a Teologia, de modo a apresentar a literatura enquanto um palimpsesto por meio do qual podemos encontrar diversos outros discursos. Diante destas concepções nos pautamos em teóricos como Candido (2006), que estabelece as relações entre Literatura e sociedade. Para conseguirmos realizar nosso intento abordamos também neste capítulo as noções de transtextualidade de Gerard Genette, e de interdiscursividade proposta por Maingueneau (1993/ 2006), que dá conta dos fenômenos da interdiscursividade, da polifonia, da heterogeneidade dos discursos. Consideraremos também as asserções de José Luís Fiorin (2005) sobre os elementos constitutivos em uma análise do discurso e, por conseguinte, as suas contribuições referentes aos percursos figurativos e temáticos realizados no âmbito textual, procurando identificar nos textos literários as reformulações dos discursos teológicos. Citaremos a teoria da carnavalização, aplicada por Michael Bakhtin, aplicada a obra de François Rabelais (), e avaliaremos se esse processo é constituidor de provocar o riso, o cômico na reescritura dos textos pelo poeta. Em se tratando das relações entre Literatura e Teologia,

tivemos como pressupostos teóricos os estudos de Brandão (2003/2004) e Magalhães (2000/2008).

No capítulo seguinte, **LITERATURA, RELIGIÃO E TEOLOGIA**, buscaremos discutir a relação que se estabelece entre a Literatura e a teologia, entre literatura e religião. Para tecer estas discussões consideraremos dois fatores essenciais: os processos textuais que concentram-se em estabelecimento do diálogo entre estes discursos, e os processos sociais ocorridos durante a história da humanidade relacionados à religião que culminaram neste efeito social da mercantilização do sagrado. Faremos uma abordagem especial ao fenômeno social relacionado à globalização, uma vez que esse processo torna-se integrador de um conjunto de fatores responsáveis por modificar os hábitos e costumes da sociedade, e por sua vez também afeta a questão da religiosidade, da relação humana com o sagrado.

No terceiro capítulo, intitulado como **O SHOPPING DE DEUS E DEUS MIX: POESIA MERCADO E RELIGIÃO**, procuraremos reconhecer nos poemas de Cassas o diálogo entre literatura e um discurso teológico cristão de modo a investigar as figuras literárias que revestem o tema da mercantilização do sagrado em seus poemas. Nosso intuito é de fato tentar identificar de que forma o poeta se utiliza de recursos de transtextualidade, especialmente a hipertextualidade, e de interdiscursividade para revestir em seus poemas os temas da teologia Cristã, a relacionar o tema do mercado com o tema da religião, em uma expressão poética do humano dualizado entre essas duas instituições.

Torna-se relevante realizar essa pesquisa pelo fato de conter um conteúdo tão importante no que diz respeito às discussões teóricas que tratam

dessas duas áreas tão constantes na vida dos seres humanos que são a Literatura e a Teologia. O sagrado e o literário se fazem presente no homem e na cultura sempre. Trata-se também de investigar o teológico numa poesia nordestina, uma vez que autores nordestinos não são muitas vezes focalizados nos estudos de universidades da própria região Nordeste. Principalmente alguns excelentes autores nordestinos contemporâneos, que acabam muitas vezes sendo desconhecidos por professores e estudantes de cursos de graduação.

Reconhecemos ainda nesta pesquisa a importância de se estudar um poeta cuja estética literária transpõe as dimensões de uma simples compilação textual. Isto porque toda a produção literária de Luís Augusto Cassas é de uma profundidade fina, e ao mesmo tempo em que revela um tom satírico muito peculiar.

Em ritmo de liturgia seus poemas revelam a experiência do humano com Deus, consigo e com o mundo. Diante de uma poesia desembaraçada, e embaraçosa, Cassas revela em seus poemas uma intimidade com a vida, que também se revela em uma intimidade do humano com Deus.

1. LITERATURA COMO PALIMPSETO

1.1 ARTE LITERÁRIA: AS DEFINIÇÕES EM FOCO

Em se tratando de teoria percebemos um levantamento de questões e arguições sobre o campo de análise a que se pretende investigar. Deste modo a Teoria Literária também cumpre este papel de tentar verificar o que se denomina e como se forma seu objeto de estudo. Inicialmente é possível identificar uma tentativa de responder a questão da própria conceituação da Literatura. À medida que se trabalha com o texto literário como um objeto de análise científica, sente-se a necessidade de avaliar como se dá a constituição e o estabelecimento do de texto literário. A partir daí surgem e se revelam as interrogações que permeiam esse estudo: O que ao longo dos anos se denominou de texto literário, e porque ganhou essa denominação? Quais os textos que ao serem lidos ganham o status de Literários? Que tipo de linguagem estes textos apresentam? E é a Literatura um produto da sociedade, um reflexo dela? Ou é a sociedade influenciada da arte Literária?

Diversos foram os teóricos e muitas foram às correntes da crítica à arte que tentaram elaborar um conceito para a arte literária. No entanto, algumas destas tentativas barraram-se em contra-conceitos da abstração da Literatura, e ao mesmo tempo do material investigativo de análise desta arte. De imediato é necessário entender que conceituar literatura necessita diferenciá-la em relação a outras artes. Literatura não é pintura, não é música, não é escultura. No entanto ela dialoga com todas estas outras. Por sua capacidade de

expressão, de revelar mundos, de criar imagens a partir da palavra.

Essa Arte então acontece em diferenciação com as outras artes pelo uso da palavra como material para sua elaboração. O poeta, por exemplo, se utiliza da palavra, esquecendo a esse modo o valor instrumental dela e requerendo as suas diversas possibilidades, sem desgastá-las como um instrumental. Esse fator pode ser comumente reconhecido tanto nos primeiros textos onde nasceu a Literatura como na poesia contemporânea, o uso da metáfora como força expressiva esteve e está ligado a literariedade de um texto o texto literário é por si só metafórico. E a partir dessa denominação os estudos acerca da Literatura passaram a tentar conceituá-la em relação ao uso dessa escrita. Seria a Literatura por muito tempo classificada como uma maneira diferente de escrever. O texto Literário assim um depósito de imagens construídas pela palavra que não se poderia compreender, que causaria no leitor uma reação de estranhamento.

Entendemos com Ricoeur, que o texto é literário pela sua propriedade pluridiscursiva alcançada pela inovação semântica presente na significação metafórica. Enquanto linguagem a Literatura é também detentora de aspectos sociais, uma vez que as suas origens se confundem com a própria origem da civilização Ocidental. A literatura é assim um fator cultural que ao mesmo tempo em que influencia a sociedade da qual faz parte é também influenciada pelo que ocorre no social. Por isso, a obra de arte é construída a partir de certas experiências humanas com o meio, e ao mesmo tempo é capaz de provocar no indivíduo e no meio social determinadas modificações.

A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores

do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção de mundo, ou reforçando neles o sentimento de valores sociais. (CANDIDO, 2006, p. 30)

Estudar uma obra, e uma produção literária como a de Luís Augusto Cassas é ir de encontro com o humano revelado por uma produção poética que o representa em meio a instituições como a família, a igreja. Que o discute em relação consigo mesmo e sendo influenciado e influenciador do meio em que vive. Além da questão linguística e mais do que isso estética, a arte literária é social, e não apenas um depósito de imagens estéticas. É sempre um olhar humano sobre o próprio humano e sobre a sociedade e a cultura.

1.2 LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Muito se tem discutido acerca da Literatura e sua relação com o que os especialistas denominam de estudos culturais. Com a diversidade dos fenômenos culturais e as inter-relações entre as culturas a Interculturalidade passa a se tornar um aspecto relevante a ser conotado em diversos estudos da sociedade, e a Literatura também transporta seus estudos tentando tomar como suporte as investigações realizadas por esse campo de estudo.

O que se denomina de estudos culturais surgiu no cenário de estudos no momento em que a idéia de teoria formalista começou a ser questionada, isso por volta de 1960, e a tendência passou a ser estudar fenômenos da realidade sociocultural, destacando aspectos antes não privilegiados pelas teorias, como as minorias, que passaram a fazer parte das discussões. Temas como

políticas, sexualidade, linguagem e cultura, ética e economia, a psique e a civilização humana passaram a fazer parte dos escritos de vários autores. Embora o fenômeno intercultural remonte a um passado tão distante que se poderia dizer e afirmar que ele se perde pelo tempo. Primeiramente podemos conotar a Interculturalidade como esse encontro de culturas diversas num determinado âmbito e espaço. Encontro esse que vem se processando ao longo da história humana.

Com o mundo moderno e o que denominamos de globalização, fenômeno de homogeneização das culturas em processo de formação de uma chamada cultura global ganhou espaço, e neste sentido o cultural passou ainda mais a se configurar como intercultural, mais que uma inter-relação entre as culturas vai sim haver uma unificação destas culturas, tudo isso em breve espaço de tempo. Neste contexto os estudos teóricos passaram a dar uma especial atenção à cultura, isto em virtude de estar o ser humano a viver numa sociedade produzindo culturas que agora são interculturais.

A cultura foi se tornando o centro das atenções, especialmente em seu sentido voltado para a identidade. Assim a cultura das nações, regiões, das religiões, dos grupos sociais menos privilegiadas, das massas passou a representar a voz de homens e mulheres.

Algumas universidades têm procurado implementar estes estudos como uma complementação para suas áreas de atuação, todavia, no caso da Literatura, o objetivo pode muito bem se estabelecer por uma compreensão mais ampla na qual é indissociável a relação dos estudos culturais com os estudos literários. Se por um lado, os estudos literários podem num extremo concentrar-se na imanência textual, por outro, os estudos culturais abrem

discussões que na maioria das vezes sai dos domínios dos estudos do texto, e/ou muitas vezes determina uma leitura cerrada deste. Este fator gera uma série de polêmicas, acerca do objeto destes estudos e a sua relação com a literatura.

Para compreendermos como se dão essas relações de áreas teóricas é necessário compreender a que se propõem cada uma delas. Culler (1999) apresenta que o projeto dos estudos culturais é compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno. Esse projeto então, segundo o autor, visa avaliar como as produções culturais operam, e como as identidades culturais são construídas e ao mesmo tempo como elas se organizam. (CULLER, 1999, p. 49)

O próprio nome já nos infere a proposta dos estudos culturais. E sua necessidade de análise pode ser justificada pelo dinamismo instaurado nas relações humanas essencialmente na modernidade e pós-modernidade. As inter-relações entre os povos se manifestam pelos movimentos migratórios das massas, provocados pelo constante processo de globalização que traz uma conseqüente Interculturalidade. Passa deste modo, a ser a cultura, o cerne da questão de análise dos estudos interculturais, os seus fenômenos de inter e transculturação como apresenta Olinto (2003).

Cultura se entende, neste sentido, como um objeto disciplinar e refere-se a procedimentos de segunda ordem a partir dos quais observamos, analisamos, comparamos e relativizamos práticas culturais de primeira ordem que emergem mescladas com múltiplas interferências de ordem inter e transcultural. (OLINTO, 2003, p. 72)

Deste modo, os estudos literários estão inclusos dentro desses

processos de análise cultural. Sendo determinados como uma prática cultural específica, portando de interesse dos estudos da cultura. Pois as transformações que se instauram na cultura e na sociedade refletem no pensamento, e na arte literária. Todavia, para ampliarmos a visão e nos concentrarmos no estudo da literatura sem perder de vista suas inter-relações, destacadamente com a cultura e a sociedade.

1.3 LITERATURA E INTERDISCURSIVIDADE

Para dar conta do aspecto literário de um texto por vezes se faz necessário reconhecê-lo como tecido dialógico, de maneira que é sim constituído através de sua relação com outros textos. A linguagem humana não se faz em si mesma, de modo que os diversos discursos se apresentam e se elaboram em comum com outros discursos que já foram elaborados em algum momento, em determinado contexto. Neste sentido, para estudar um texto é necessário entender que este se forma a partir de vários dizeres, de outros vários extratos textuais. Por este fator consideramos a propriedade linguística e o mesmo tempo textual da heterogeneidade, e tentamos analisar o texto literário nesta perspectiva recorrendo a um estudo dos processos textuais e discursivos que envolvem a constituição destes textos entendendo como fator essencial o modo como o texto se torna lugar de encontro de diversos discursos.

Assim as obras mais representativas da Literatura podem ser denominadas ou expressas em relação a sua característica de atravessar as outras obras elaboradas em outros momentos, em outros contextos de dizer o

que já em outro momento foi dito por um outro autor, de evocar discursos outros .

A linguagem literária dialoga a todo instante com discursos que já foram elaborados, por este motivo os estudos literários se tornam suporte para os estudos culturais, porque dão conta dos aspectos revelados dentro do texto, que nos colocam em evidencia com as influências de fenômenos sócio-culturais, porque reflete a sociedade e é também refletido por ela, à medida que o artista, o poeta o autor transfere para os seus escritos a sua relação com o mundo e as conseqüências dessa relação.

É neste sentido que Literatura se manifesta em diálogo com áreas do saber como a filosofia, a sociologia, a teologia, psicologia e etc.. Estas relações se estabelecem através do texto, e ocorrem por meio de processos textuais e discursivos, concentra em si as denominações de discursos capazes de dialogar entre si. Para entender esses processos é necessário recorrer a áreas de estudo como a análise do discurso que dá conta de estudar os processos de heterogeneidade da linguagem humana. Esta área do saber procura investigar o discurso e ao mesmo tempo o lugar de manifestação das trocas enunciativas e discursiva. Um dos teóricos que apontou em seus estudos considerações relevantes para as determinações de diálogos entre os discursos foi Gerard Genette. Primeiramente com. introdução a architextualidade o filósofo detalha como objeto da poética a relação dos textos com os outros textos. Em sua segunda obra *Palimpsestos* ele propõe uma visão da literatura enquanto um hipertexto. (MAINGUENEAU, 2006, p.35)

Em **Palimpsestes**, o teórico define a transtextualidade como um processo pelo qual todo texto é criado a partir de um outro texto, ou em relação

com este. (GENETTE). O texto neste sentido apresenta um caráter de transcendência em relação a outros textos, de modo que um texto aparece de forma direta ou fragmentada em outros textos. Seja de maneira a anular o texto anterior, seja de forma a reescrevê-lo. Depois de estabelecer estas noções Genette desenvolve a teoria da transtextualidade baseada em cinco modalidades.

Modalidades de transtextualidade	Definição
<i>Intertextualidade</i>	Presença literal ou integral de um texto em outro – citação, alusão, estilização.
<i>Paratextualidade</i>	Relação do texto com outros textos que o enquadram – títulos, subtítulos, prefácios; posfácios.
<i>Metatextualidade</i>	Refere-se à relação de um texto com um outro sem necessariamente citá-lo – a crítica, e o comentário.
<i>Hipertextualidade</i>	Toda relação que une um texto A (hipertexto) a um texto B (hipotexto) – paródia, pastiche.
<i>Arquitextualidade</i>	Engloba a classificação da Literatura de forma mais universal. – gêneros literários, textuais.

Por meio dessas modalidades podemos identificar os diversos modos de manifestações dos diversos textos em outros, e como esses se estabelecem dentro da cultura, se inter-relacionando. Esses aspectos dizem respeito a propriedades relacionadas à textualidade, de modo que todo conjunto de palavras que se fazem texto se inserem numa determinada arquitextualidade, e podem manter pontes de contato com outros textos pelos outros processos transtextuais. Dentre os quais encontramos um processo mais específico de transtextualidade que é a hipertextualidade. Este trata de uma relação entre um texto A e um texto B. Sendo pois o Hipertexto um texto que deriva de outro texto, seja por uma relação de imitação, seja por uma transformação simples. Destas definições decorrem a utilização por parte de Genette da sua teoria do

palimpsesto, nesta imagem metafórica do hipertexto como um palimpsesto, que é um pergaminho que teve sua inscrição apagada, mas não totalmente para escrever outra, mas que esta primeira não é anulada e pode ser lida de modo transparente. Assim funciona o hipertexto, propriedade textual de todas as obras derivadas de uma anterior pelo seu processo de transformação. Entre as modalidades de hipertextualidade, encontramos a paródia e o *pastiche*.

O hipertexto é o texto que se organiza a partir de outro texto, e estudá-lo, como afirma Mello (1996), é uma forma de reconhecer a natureza de uma rearticulação textual e ao mesmo tempo a recriação de contextos através da Literatura:

Os hipertextos apresentam-se, assim, como transformação, e/ou imitações, em regime lúdico, satírico e/ou sério, de obras anteriores em relação às quais se podem estabelecer comparações, analisando a natureza da relação hipertextual. A análise dos procedimentos formais adotados nos hipertextos fornece elementos importantes ao crítico literário no processo de hermenêutica textual, mostrando como a forma de rearticulação de um texto anterior, em regime lúdico, satírico e/ou sério, permite reconhecer, no limite, as transvalorizações empreendidas pelos autores e a relação das recriações com novos contextos sócio-culturais. (MELLO, 1996, p. 24)

Todas as obras são hipertextos o que ocorre é que o grau de claridade com que o texto apresenta o outro, em que o texto A revela o texto B vai definir o grau dessa hipertextualidade. Para além da mera presença material do texto, os discursos, segundo Maingueneau (1993) se apresentam através de uma heterogeneidade mostrada e de uma heterogeneidade implícita. De um modo ou de outro, texto e discurso se elaboram através de um diálogo de vozes onde o texto é tecido de outro texto e o discurso é rede de outro discurso.

A linguagem humana é dialógica, ou seja, ela é constituída na

confluência de vários discursos. Numa espécie de interação verbal entre os enunciados constituem a linguagem humana. E ocorre dentro de um discurso pela sua capacidade de repetir temas, de retomá-los. Assim vozes de sujeitos e de áreas da cultura e da vida humana se encontram no discurso que por sua vez é formulado em vista de um discurso pré-existente, a partir desse processo ideologias, formações sociais e políticas passam a convergir para a constituição desse entrelaçado de formações. Para o teórico o que dá sentido aos discursos é exatamente a sua capacidade de dialogar com outros discursos, e dentro destes discursos há um encontro ainda de vozes que polemizam entre si.

Neste jogo todo discurso ao ser elaborado pelo sujeito passa pela experiência de outro discurso já elaborado anteriormente, e todo enunciado se estabelece através do encontro de vozes. É assim, segundo a análise do discurso, próprio das formações discursivas a incidência do que denominamos de interdiscurso.

E próprio da formação discursiva é dissimular na transparência do sentido, a objetividade material contraditório do interdiscurso que a determina. Essa objetividade material contraditória reside no fato de que algo ali sempre antes em outro lugar e independentemente. O interdiscurso é irrepresentável, ele é constituído de todo dizer já-dito. Ele é o saber, a memória discursiva. (ORLANDI, 2006, p.18)

Sendo o já-dito o elemento de constituição dos discursos a memória discursiva se estabelece por um eixo, onde se encontram todos os discursos estabelecidos. Como apresenta Mainganeau (1993), que o já-dito, o já construído, estabelece uma relação no discurso por meio de um eixo vertical, em concomitância com um outro eixo denominado horizontal referente “a

linearidade do discurso.” Sendo assim, os discursos dialogam entre si e são construídos a partir desses dois eixos. O eixo vertical do já-elaborado e internalizado pelo Sujeito discursivo e o discurso que passa a ser formulado nessa interdiscursividade e reformula o já-elaborado, construindo assim o eixo horizontal.

O discurso literário não é isolado, para Maingueneau (2006), o discurso literário acontece por meio de discursos que constituem. Sendo assim essa heterogeneidade que é revelada pelo autor também revela que a Literatura não é um bloco que apenas recupera discursos próprios delas, ela é sim um conglomerado onde esta arte também traz para seus textos discursos de outras áreas do saber e da vida humana.

Os discursos constituintes se autorizam entre si, e regem sua própria manifestação no interdiscurso. Nesse plano o interdiscurso se estabelece não num plano encerrado em que cada discurso é um discurso a favor de constituir e ser constituído, mas o é em relação com o outro. E esse jogo de relação entre os discursos ou dos discursos consigo mesmos não é distinguível. Como aborda Maingueneau (2006), ao indicar os discursos constituintes, literário e filosófico.

Na verdade, não há tipos de discursos puros, e sim combinações cujo grau de filosofidade ou literariedade depende tanto da definição e da forma de identidade, elaborados em função dos quadros propostos em uma dada época e em função das formulações por que passam esses quadros no trabalho da escrita. (MAINGUENEAU, 2006, p. 67)

Ainda determinando essas relações Interdiscursivas, Maingueneau

(1993) propõe as definições de Universo, Campo e Espaços discursivos. Para Universo discursivo o autor define como “o conjunto das formações discursivas de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em conjunto”. (MAINGUENEAU, 1993, p. 116) Por campo discursivo entende: “um conjunto de formações discursivas que se encontram e em relação de coerência em sentido amplo, e se delimitam, pois por uma posição enunciativa em uma dada região.” Por fim o autor conceitua o espaço discursivo por um subconjunto do campo discursivo, que interliga duas ou mais formações discursivas, que se supõe mantêm relações privilegiadas. (MAINGUENEAU, 1993, p.117).

É necessário tomar para nós o conceito de campo discursivo no intuito de analisar os discursos constituintes do campo discursivo literário, e do campo discursivo religioso, ou teológico. Reconhecendo que o campo discursivo é o lugar onde as manifestações discursivas operam umas sobre as outras. E esses campos se articulam para a existência de maneira que um discurso primeiro constitui um segundo discurso.

1.4. PARÓDIA E CARNAVALIZAÇÃO NO TEXTO LITERÁRIO

Uma das formas de intertextualidade apresentadas dentro da Literatura é a carnavalização do texto Literário. O carnaval esteve presente na idade Média como um conjunto de festejos. E é partindo do estudo destes festejos que Mikhail Bakhtin estuda a influencia dessas manifestações sobre o texto literário, no que ele denomina de carnavalização. Em seu livro **A cultura popular na idade Média** o teórico apresenta a influência da cultura popular da

Idade Média na produção Literária de François Rabelais. O autor elabora um estudo acerca das formas carnavalescas que predominavam na época, com uma referência ao riso e sua relação com os textos produzidos durante esse período. Neste texto ele tece uma série de considerações acerca das diversas manifestações da cultura popular.

Para isso o autor apresenta três categorias de manifestação dessa cultura do riso: as formas dos risos e espetáculos, as obras verbais cômicas e formas e gêneros do vocabulário familiar. A primeira categoria diz respeito às representações realizadas em praça pública que representavam elementos cômicos. Tratam-se de comemorações mais voltadas para o riso cotidiano, que se diferenciavam da seriedade das festividades da igreja ou do Estado. Havia neste sentido uma diferenciação da festa oficial, a qual era responsável por representar a parte seria e mantenedora dos costumes e das leis. Enquanto que as festas carnavalescas mantinha o tom de liberdade.

Na prática a festa oficial olha apenas para trás, pra o passado de que se servia para consagrar a ordem social presente. A festa oficial às vezes mesmo contra as suas intenções, tendia a consagrar a estabilidade, a imutabilidade e a perenidade das regras que regiam o mundo: hierarquias, valores, normas e tabus religiosos políticos e morais correntes...

(..)

Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de libertação temporária da verdade dominante e do regime vigente, da abolição provisória de todos os regimes hierárquicos, privilégios, regras e tabus. (BAKHTIN, 2008, p.8)

A segunda categoria definida por Bakhtin aborda as obras literárias cômicas que apresentam uma concepção carnavalesca do mundo, e que utiliza vastamente esta linguagem. A maneira pela qual estas obras traziam a carnavalização é através da paródia de obras celebres. Tratava-se de uma

literatura festiva, presa a instituição e a provocação do riso fácil. Não apenas as obras literárias foram parodiadas e ridicularizadas, mas as ações, os ritos religiosos também fizeram parte dessa ridicularização.

Possuímos uma quantidade considerável de manuscritos nos quais toda a ideologia oficial da igreja, todos os seus ritos são descritos do ponto de vista cômico. O riso atinge as camadas, mas altas do pensamento e do culto religioso. (BAKHTIN, 20089, p.12)

A terceira categoria ou expressão da forma cômica é estabelecida a partir de um conjunto de expressões grosseiras e vulgares. Formas e gêneros do chamado por Bakhtin de vocabulário familiar. Durante o carnaval os contatos familiares, as aproximações livres entre as pessoas faziam surgir expressões de uma linguagem verbal específica criada pela situação sociocomunicativa.

Essas mudanças na linguagem acarretavam mudanças de sentido, alterações nas formas linguísticas. A linguagem que passa a ser utilizada em praça pública vai se constituir de grosserias e injúrias. Estas eram também direcionadas a blasfemar as divindades, de modo que criticavam e redirecionavam os cultos as divindades para os cultos cômicos. Essas expressões continham sendo usadas junto com as obscenidades e representavam palavras em desuso pela comunicação oficial, pois eram proibidas.

Essas três maneiras de carnavalização influenciaram no pensamento literário da época e se estabeleceram como formas de paródias de textos, como elementos de ridicularização do cotidiano, como quebra das instituições da linguagem e das estruturas oficiais.

Carnavalizar um texto, retomá-lo e reescrevê-lo ridicularizando uma determinada situação é uma atividade que está presente na Literatura há muito tempo. Esse processo intertextual consiste na reescritura de um texto pela relativização de suas informações geralmente buscando criar um efeito cômico e ridículo da vida e dos costumes. Negando o oficial, o autor busca acrescentar ao texto escrito características grotescas, satíricas.

Esse processo se vincula a parodização do texto, à medida que um texto é retomado, ou é reescrito por um determinado autor. A paródia é uma forma textual de transtextualidade e intertextualidade em que o texto assume um caráter cômico. Dentro do texto literário os autores se utilizam de elementos que provocam esse humor no texto escrito.

O texto parodiado ridiculariza o texto primeiro. Não sendo o mesmo texto, mas sem deixar de retomar o conteúdo do outro, uma reescritura que ao mesmo tempo em que enxerga palimpsesticamente o texto base, rompe com seu com este em seu caráter sério ou informativo, para dar-lhes caráter risonho.

É um pouco do que acontece na produção literária do poeta maranhense Luís Augusto Cassas. Seu poema versa sobre as diversas situações humanas que se passam no interior do eu-lírico, ou no amago de uma sociedade moderna. Mostra uma relação do humano e a esfera do sagrado que o permeia desde que se constitui um humano religioso. No texto de Cassas o processo que ele utiliza para parodiar os textos, para reescrever o texto nesse tom de brincadeira, mas uma brincadeira que indaga que questiona, que ridiculariza. Que torna grotesco aquilo que é sério, que torna inferior aquilo que é colocado como muito alto inatingível. O Sagrado no texto

do poeta é tornado a qualquer coisa ou objeto que o queira, como na carnavalização dos textos da idade média que os textos do culto eram ridicularizados. Dessa maneira é que esses poemas em sua elaboração passam por um processo de dessacralização do texto bíblico e do discurso teológico. Todavia, de uma maneira que essas vozes, estes estratos textuais se encontram dissolvidos em seus textos, mas de maneira a ser carnavalizado.

A inscrição do cômico no texto de Cassas não se dá apenas por esse processo de ridicularizar ou rebaixar o status do divino, mas também em tomar a realidade, a sociedade e todas as suas instituições como objeto de brincadeira, uma piada, uma ironia, um trocadilho do humano, onde “um tem o céu dentro, o outro coentro”. No Salmo apascentador, por exemplo, Cassas parodia uma passagem bíblica do evangelho em que o apóstolo Pedro é interrogado por Jesus sobre seu amor.

Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Ele lhe disse: Apascenta os meus cordeiros. 16 Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu me amas? Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as minhas ovelhas. 17 Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu me amas? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas.

18 Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres. 19 Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus. Depois de assim falar, acrescentou-lhe: Segue-me. (João 21:15-19)

Jesus quer testar se seu discípulo está pronto a apascentar suas ovelhas, por isso o indaga, se ele o ama. Esta pergunta se repete ainda duas vezes. Também no poema de Luís Augusto Cassas há uma prova, um questionamento, mas dessa vez por parte do eu-lírico.

No texto de Cassas a voz de Jesus do texto bíblico aparece, mas dessa vez a figura do apóstolo é substituída pela imagem da poesia. Como um recurso metalinguístico Cassas concentra a avaliação da poesia, como instrumento de seu trabalho poético. É a poesia que o autor interroga ao amor. O poeta é o criador, e a poesia a sua criatura, a sua seguidora, é ela que vai ser a responsável pela difusão da obra do poeta. Assim como Pedro é encarregado de difundir a fé Cristã por meio da evangelização. Onde Jesus o diz: Pedro apascenta minhas ovelhas. Cuida e pastoreia o povo de Deus. Este é o pedido de Jesus. No salmo apascentador o pedido é dirigido à poesia.

- poesia tu me amas?
- aferventa minhas palavras
- poesia tu me tramas?
- alimentas minhas palavras
- poesia tu me dramas?
- adormenta minhas palavras. (CASSAS, 2001, p.101)

Amar a Jesus, se transforma em amar o poeta a poesia. Se o amas poesia aferventa as palavras. Torna o fazer poético aferventado, para criticar, para revelar a face poética lírica irônica, como um energético para a construção dos salmos. Se a poesia trama o poeta. Então alimenta as palavras do poeta para que ele tenha mais urgência nas suas falas ao homem e sua relação com deus. Se a poesia drama o poeta, cria essa ação então adormenta as palavras do poeta, acalma essas palavras para que ao mesmo tempo em que sejam graves sejam certas suas palavras.

Um paradoxo como sempre a poética de Cassas. Ao mesmo tempo em que infere a poesia a tarefa de aferventar as palavras também infere a ela a característica de adormentar as palavras. Quer o poeta aproveitar todo e qualquer recurso por meio do qual possa utilizar-se das palavras, da metáfora, da poética. Representado a multifacetada alma humana.

Os verbos de ação, todos. Imperativos todos. Quem sugere é Jesus a Pedro. Interroga depois sugere. O poeta sugere a poesia. Faça, se amas faça, aconteça. Um depende do outro. Jesus deu missão a Pedro o fez pedra para edificar a igreja. O poeta por sua vez é poeta pela poesia que escreve.

Outra passagem bíblica parodiada é o ato dos apóstolos. Livro pertencente ao novo testamento. Escrito pelo evangelista Lucas que é direcionado a Teófilo, com o objetivo de difundir a nova fé. Trata-se da história do surgimento dessa igreja primitiva formada por Pedro. Descreve os feitos de Paulo até ser encarcerado em Roma. Neste texto são descritas as ações realizadas pelos apóstolos que são enviados a pregar por Jesus, segundo o texto bíblico.

Não apenas é o livro dos atos dos apóstolos parodiado, mas é descrito e citado a passagem bíblica em que Jesus é entregue a Pilatos para ser Julgado. O ato que é revelado pelos salmos de Cassas é o ato de Pilatos. Também conhecido simplesmente como foi prefeito da província romana entre os anos 26 e 36 d.C. Foi o juiz que, de acordo com a Bíblia, condenou Jesus a morrer na cruz, apesar de não ter nele encontrado nenhuma culpa. Como podemos evidenciar no Evangelho de Matheus presente no novo testamento.

Jesus foi conduzido à presença do governador, que lhe perguntou: És tu o Rei dos Judeus? Jesus respondeu: Tu o dizes. Mas, ao ser acusado pelos príncipes dos sacerdotes e anciãos, nada respondeu. Disse-lhe então Pilatos: Não ouves tudo o que dizem contra ti? Mas ele não respondeu coisa alguma, de modo que o governador estava muito admirado. Ora por ocasião da festa, costumava o governador conceder liberdade a um prisioneiro à escolha do povo. Nessa altura, havia um prisioneiro afamado, chamado Barrabás. Pilatos disse ao povo que se encontrava reunido: Qual quereis que vos solte, Barrabás ou Jesus, chamado Cristo?

(...)

Eles responderam: Barrabás!. Pilatos disse-lhes: Que hei-de fazer então de Jesus, chamado Cristo?. Responderam todos: Seja crucificado! Pilatos (...) mandou vir água e lavou as mãos em presença da multidão, dizendo: Estou inocente do sangue deste justo. Isso é convosco. (...) Soltou-lhes então Barrabás; quanto a Jesus, depois de o mandar açoitar, entregou-o para ser crucificado.- Mateus 27, 11-26.

Eis o ato praticado por Pilatos, condenar Jesus pela sua autoridade, mas esvaziar-se da culpa, responsabilizando o povo por essa condenação. Lavar as mãos, não comprometer-se com o sangue que seria derramado. Ao descrever os atos dos apóstolos, o evangelista Lucas lista o conjunto de ações dos apóstolos. Esta é a ação expressa pelo Evangelho para Pôncio Pilatos o responsável pelo julgamento de Jesus. Esse ato aparece descrito no poema de Cassas é parodiado e por que não dizer carnavalizado. Uma vez que o poeta coloca a imagem de Pilatos lavando as mãos em posição inferior.

ATOS DE PILATOS 2

Pôncio Pilatos:
mãos de cócoras
no lava-pratos

pilatos pôncio
cabeça sem fé
no lava-pés (CASSAS, 1998, p.42)

Luís Augusto cassas é mestre na intertextualidade. Em um mesmo poema ele estabelece relação com toda a construção do texto bíblico, com a dimensão do humano, com a esfera do sagrado que reveste a religiosidade humana. Expressa nesses atos a relação com o livro dos Atos dos apóstolos, e passagens bíblicas como o momento em que Jesus se dispõe a lavar dos pés dos discípulos e do julgamento de Jesus. O poema de Cassas é um palimpsesto que evoca outro palimpsesto. Uma rede de discursos que carnavalizam o texto bíblico, que hipertextualizam e fazem com que o leitor percorra o texto bíblico, bem como outros textos da cultura cristã. Sem, no entanto, deixar de criar uma obra estética tão única.

1.5. A POÉTICA E O DISCURSO METAFÓRICO

Definida e compilada em formas por Aristóteles em sua *Arte Poética* como a imitação da vida, a poesia não concentra uma definição única e univalente. A poesia pertence ao ser humano e faz parte deste. Concentra-se no homem, segundo alguns, e está além do poeta, segundo outros. Mas o que podemos afirmar é que a poesia tem a capacidade de, através da palavra, representar o ser humano e a complexidade do mundo que está em sua volta. O ser poético não se configura apenas numa estrutura estética, mas congrega a subjetividade do poeta. Assim, forma e experiência devem se relacionar de tal modo que uma se veja refletida na outra. A poesia tem o poder de desvendar o ser, de iluminar o mundo aos olhos do ser humano.

E esta experiência só é possível através da dimensão metafórica da linguagem, forma privilegiada da representação poética.

É através da metáfora, com seu poder de figuração, que é tecida a poesia. Mas a metáfora está para a linguagem poética não apenas como palavra que identifica o ser humano, mas como manifestação da vida. Como afirma Silva (2004), “a experiência humana não cabe numa palavra, não cabe num enunciado, não cabe em uma obra, mas o poema-obra tem o poder de transfigurar a vida.” (SILVA, 2004, p.74)

A poesia, enfim, nasce do que exerce alguma influência no ser humano. Como sendo parte relevante na construção do eu e do mundo, a poesia congrega a potência de estar nas coisas e nas situações para ser descoberta, desvendada. Como afirma Lyra.

Podemos deduzir que a existência primordial da poesia se vincula a daqueles seres que exercem algum influxo sobre o sujeito que entra em contato com eles e o provocam para uma atitude estética de resposta, consumando o trânsito – da percepção à objetivação – mediante uma forma de qualquer linguagem. A princípio, todos: tudo o que está no mundo pode provocar alguma coisa no ser humano. Mas, se todos os objetos/ situações podem exercer essa provocação, alguns usualmente não o fazem. (LYRA, 1986, p.7)

Poesia é uma espécie de revelação da vida, que envolve o ser humano. A poesia pode revelar-se ao ser humano através das coisas, sendo que muitas destas coisas não o fazem usualmente, mas justamente a é este estímulo que a poesia reage dentro do ser para enfim surgir o poema. Com o poema surge outra questão intrigante para os teóricos: o da diferenciação da poesia e do poema. De modo geral, o poema é considerado um gênero textual que se apresenta quase sempre em verso, onde constatamos a poesia ou a habilidade artística do escritor pela poesia. O fato é que poema é o texto. Poesia é algo abstrato e de difícil definição, como já viemos ressaltando até o momento. Ela

não é passível de uma única conceituação, mas tem ampla especificidade dentro da dimensão do mundo e do ser.

A poesia tem como uma de suas características a subjetividade. Característica peculiar a este gênero textual, nem sempre exclusivamente pertencente a ele, aponta para a presença de um “eu” no poema, das marcas de um mundo de um alguém, que teoricamente é conceituado de “eu-lírico”. É no poema que se expressa esse “eu”, que constrói sua linguagem, que representa seus sentimentos e emoções. Esta subjetividade é entendida por Moisés (2004) como a expressão do subjetivismo por meio de metáforas.

Colocado, pois, na perspectiva do “eu”, o ser contempla o seu “eu”, como se se desdobrasse em dois, ou lhe visse o reflexo na superfície do espelho. Visão egocêntrica do mundo, a poesia organiza-se em torno de uma única personagem, o poeta: o “outro”, quando muito, resulta da duplicação, narcisista, do próprio “eu”; o “outro” não é um terceiro, mas um “outro-eu”, como se o não-eu humano se diluísse num “eu” cósmico e centrípeto. (MOISÉS, 2004, p. 361)

O cosmo como apresenta Moisés se centra, se fundamenta, na personagem do poeta ou num mundo “egocêntrico”. O poeta sublima seu próprio ser colocando-o como centro de tudo, e refere-se a um outro apenas em relação a si mesmo. O outro é amado, por exemplo, mas é descrito, contemplado, adorado, ou quem sabe satirizado à maneira do poeta, à sua perspectiva. É como o eu pensa que as coisas a sua volta se representam. É como ele sente e reage aos estímulos das coisas, que a poesia é construída.

Acerca do poema, encontramos a subjetividade de forma a negar algumas especificidades textuais, e ao mesmo tempo constitutivas de conceituação temporal, como ressalta ainda Moisés (2004) em suas

considerações sobre poesia. Para isso, o autor estabelece noções como as seguintes.

a-historicidade: ou tempo do “eu” que corresponde à duração bergoniana, ou um presente-eterno; ignora o passado e o futuro, de forma que as referências às duas categorias temporais não passam de extensão do presente; [...] a narratividade; a poesia caracteriza-se pela ausência de narração, não implica acontecimentos mas estados: não enredos, mas situações, habitam o “eu” do poeta, que vive, solitário, um conflito sem ação exterior. (MOISÉS, 2004, p.361)

Para Moisés, sendo a poesia subjetiva centrada no poeta, o tempo é centrado no presente, onde não existem referências ao passado ou futuro, mas é possível estabelecer que essa denominação de tempo não se aplica a todos os poemas, ou seja, não se constitui em uma regra geral, pois a poesia não se constitui expressamente em todos os tempos por regras afim . Ela se caracteriza também pela ausência de enredo, pois se encontra centrada num eu que geralmente não se remete ao mundo exterior, mas que, através de sua interioridade, permite confrontar-se com o mundo exterior, num movimento de representação do ser no mundo.

1.6 DISCURSOS METAFÓRICO E SIMBÓLICO

Tomamos neste estudo a perspectiva de que se o texto é o lugar de entrecruzamentos de extratos textuais de outros textos, e se e é ainda lugar onde os discursos dialogam, é, pois o responsável pelo encontro entre o discurso literário e o discurso religioso, ou teológico.

Neste sentido procuramos averiguar a constituição destes dois textos, o que eles têm em comum, o que campos discursivos tão distintos têm a oferecer um a outro por meio de uma heterogeneidade entre os textos, entre suas formações discursivas.

Para começar, entendemos o texto literário, múltiplo em sentidos e significados só capazes de serem constituídos através da palavra escrita, e não apenas e simplesmente escrita, mas uma escrita dotada de interpretações, uma escrita metafórica.

Desde Aristóteles existe uma preocupação com o papel da metáfora dentro do âmbito textual, uma vez que é pelas possibilidades de significação, que nos é possível visualizar o sentido figurativo do texto literário, que um dos fatores essenciais de distinção em relação a outros tipos de textos.

É neste sentido um recurso que se não fundamental do texto literário, faz parte de sua constituição estilística. Fator responsável não apenas pô se designar o que é literário, mas o que é digno de permanecer como tal. Que lhe impele as críticas e ao mesmo tempo as interpretações. A metáfora transfigura a significação das palavras causando no leitor uma sensação de ambiguidade, por meio da qual podemos registrar uma evidência de sentidos. Um sentido dito original da palavra, da frase, e um sentido que a metáfora encerra.

Essa metaforização é responsável por no entrelaçamento entre a literatura e a religião representar a experiência do homem com o sagrado. Essa experiência seria impossível de descrever pela linguagem comum. Que dissimula essa relação por meio da realidade concreta. A experiência com o sagrado é algo só transponível através de uma representação do ser pela palavra na sua mais ampla significação.

Através de uma linguagem ao mesmo tempo figurada e poética a literatura encontra-se com a religião por meio do texto e se torna capaz de através dessa linguagem representar o ser e sua vivência com o transcendente.

Uma das formas de dizer do humano a não ser sua constituição física é representada na sua dimensão simbólica. Qualquer tema significativo que abrange as esferas da realidade pode ser representado por um símbolo e o instrumento com que se realiza esta representação pode ser chamado de *linguagem simbólica*. Esta linguagem faz parte da constituição do humano que está pura e simplesmente no âmbito da realidade concreta e racional.

O fator simbólico é também responsável juntamente com outras características de distinguir o humano do animal, que o faz transcender a realidades. Que lhe permiti inserir-se e produzir cultura, por ser esta um conjunto de sistemas simbólicos, e além de tudo criar o mundo a sua volta através dos símbolos e as significações que retrata em sua história.

Nesta rede simbólica encontramos o homem envolto a aspectos como o religioso, o mítico, o artístico, e o lingüístico. Por meio dos quais a dimensão simbólica atua. O simbólico é aquilo que vai além do significado expresso. E é o simbólico responsável por dar novos sentidos e estabelecer novos significados as coisas que nos rodeiam. Que nos faz responder a diversas perguntas, e questões que estão em nós pois são reveladas através de nossa humanidade.

Falar na dimensão simbólica da vida humana é descobrir que nós, seres humanos, somos seres materiais capazes de produzir sentidos simbólicos. percebemos que não podemos

ser de outra maneira e que esta maneira é a expressão da evolução que sofremos dos milhares de anos que fazem nossa história até hoje. O simples fato de levantarmos perguntas sobre o sentido das coisas e respondermos de maneira provisória, indica extraordinária presença da dimensão simbólica entre nós (GEBERA, 2006, p.22)

Dentro do campo religioso o simbólico atua em fator da experiência com o sagrado. E essa relação se dá de maneira muito intensa através dos rituais que concentram o significado de cada universo religioso. E cada atividade humana religiosa representa uma experiência íntima e ao mesmo tempo espiritual. Que recoberto também pela noção do mítico presente na representação das várias facetas do humano religioso.

O símbolo pode ser representado através da metáforização por meio de sua esfera de representação linguística. Esses símbolos que emergem da experiência religiosa de aproximação do humano com o sagrado são na verdade de superfície linguística também, mas que só podem ser materializados na escrita em sua essência através de uma propriedade da palavra como a metáfora, rica em significados.

Os símbolos religiosos expressam diversos sentidos. E fazem com que essas religiões sejam reconhecidas em qualquer parte do mundo. E o seu significado depende de fatores como em qual cultura esse símbolo surgiu, pois um símbolo religioso pode ser para um povo o que não é para outro, e dentro das religiões esse sentido se acentua cada vez mais, o que a cruz é para o cristianismo não significa, por exemplo, para o xintoísmo, mais precisamente esse símbolo nem existe.

Neste sentido, é a experiência com o sagrado, o desvelamento do símbolo. Os símbolos significam em diversas direções, por causa dessa

propriedade é que várias áreas de estudo se encarregam de desvendar estes sentidos. Sendo, pois a literatura o texto rico em possibilidade de significação e plurisignificante, e regido por meio da linguagem metafórica é nesse entremeio que a metáfora se constitui em um subsídio para a representação da linguagem simbólica.

O símbolo é convertido em metáfora à medida que Literatura e linguagem teológica se encontram por meio do texto no entrecruzamento entre os discursos e extratos textuais. De modo que, os processos de transtextualidade e interdiscursividade inscrevem o texto numa pluralidade e heterogeneidade onde os diversos discursos e extratos textuais se encontram e se refratam.

A religião é o lugar onde as cerimônias, os ritos, as representações são o espaço onde o ser humano manifesta a sua interpretação do mundo divino, e sua vivência com o que se encontra na esfera do sagrado. Elas enquanto criações metafóricas do humano em contato com o mistério fazem uso dos mitos, que nada mais são do que textos construídos sobre os códigos simbólicos, dos rituais que conjugam em si movimentos e desejos na expressão do contato do ser com o mundo supra-sensível.

1.7 TEOLOGIA E POESIA NA POÉTICA DE CASSAS

Religião e teologia são duas definições que se perpassam. A religião e a relação com o sagrado estão no homem e se manifestam nele mesmo sem a presença de uma teologia que o recubra. Esta última é responsável por categorizar, estudar e revelar as nuances da relação do humano com as suas

crenças. Trata-se mais de um processo de sistematização do conhecimento acerca dessa relação.

A teologia é basicamente uma reflexão crítica, sobre a fé. Diante disso se encontra no campo enquanto ciência, de conteúdo metódico em parte, uma vez que a questão do método adotado em outras e diversas religiões não apura a crença, e compreensão sobre a fé, seja ela de qual natureza for.

Ao criar uma poética que levanta diversas questões humanas em relação a Deus Luís Augusto Cassas cria uma teologia em seus poemas. Não do modo sistemático que apresentamos a definição de teologia citado acima, mas concordando e emancipando um pensamento, um versar poético, um olhar literário sobre as questões que envolvem a fé, o estabelecimento da religião. Os pormenores do religioso que constitui o sujeito. O eu poético se encontra com a oração, dentro do poema de Cassas. Questiona-se, questiona o mundo, a sua interpretação desse mundo, e revela seus pensamentos o que há de mais complexo. O ser no mundo e indo de encontro as suas próprias interrogações. Como podemos perceber no poema Os peixes.

— quem somos nós
— sóis
— de onde viemos
— Vênus
— pra onde viemos
— netuno
— pra onde vamos
— urano (CASSAS, 2008, p. 29)

Eis as questões que reverberam por muitas ciências, estão presentes nos poemas de Cassas. A vida é o instrumento principal de sua análise. A vida do ser humano em contato com Deus. Que respira Deus, que integra a face de

Deus. O Eu, é um Pseudo-Eu que deve ser investigado, que está ali no poema, que concebe o sagrado no que se torna possível. Transmudado, transformado, humanizado ou mercantilizado. Na duplicidade de ser no mundo e “Amar os dois”, ou “renunciar os Deus e o mundo e ganhar um lugar no céu e na terra” (Cassas, 1998, p. 123).

“O humano é o ego de Deus”, neste sentido a maior de suas criações. Mas a cobrar o homem e a lembrar de quem é “Deus é a consciência do homem”. Ao representar o pensamento do eu-lírico sobre Deus intui acerca de sua onipotência: “Deus precisa do amor de seus filhos para sentir-se total em atitude divinal/ Só o amor de seus filhos é que lhe concede onipotência” (CASSAS, 1998, p. 85).

Sendo Deus a consciência do homem as religiões colocam a questão do pecado. Deus nos lembra de que somos pecadores. E pela ideia de pecado que foi instituído muito do que compõe a igreja cristã. O que é considerado pecado faz com que se formule um conjunto de leis que passam a reger o pensamento e o comportamento dos fiéis. A teologia também se compromete em estudar o comportamento humano frente a esta instituição que acaba se tornando o que se denomina de religião.

Também uma preocupação de cassas revelada em seu poema, em forma de parábola. Em atitude de oração o poeta, revela a face do humano julgando-se assim sendo pela sua concernência com o pecado. Uma marca do humano, e do mundo, mas que não existe sem a distinção do que é sagrado, e do que não o é.

**PARÁBOALA DE PECADOR NA MANICURE EM SUA 99ª
HORA**

pecado, pecado, pecado
bíblia do mundo, díizimo do caos,
ateias-me fogo à alma,
tatuas-me o peito com dragão,
manchas de café o terno branco,
refisna-me o gosto pela vida,
enches de chantilly os horizontes
- Mas és tu quem me tornas humano-

pecado, pecado, pecado
rosa do abismo, bronzeador da noite,
brasão da carne, vitamina da multidão,
qual o preço que pagas no pedágio
da mão dupla da culpa e redenção?
Ó risco na pele, curto-circuito na alma,
dupla-mãe do santo e escrachada,
quem és, quem és, senão chaga do humano
exposto no supermercado do sagrado? (CASSAS, 1998, p. 167)

O pecado é o brasão que impele a o homem a atitude de ser carnal, pecador. Que coloca o homem na duplicidade entre a culpa. Cometer o pecado. E a redenção: o arrependimento. O arrependimento, ou redenção é outro ponto colocado ao ser humano pela religião. O pecado, a culpa é marca do humano. O perdão, a redenção marca do divino.

2. LITERATURA, RELIGIÃO E MERCADO

2.1 RELIGIÃO E LITERATURA

A religião está presente na vida humana, de modo que não há registro de povos pelas ciências sociais como a antropologia, a sociologia, que tenham registrado a existência humana sem a presença da experiência com uma crença religiosa. Seja como forma de representar, explicar ou organizar o mundo. Seja por estabelecimento ou produção de cultura.

Essa experiência religiosa se estabelece enfim por meio de sua relação com o sagrado, como uma maneira de ver e interpretar o mundo tendo como plano de fundo essa relação. E cada sociedade, cada grupo está e se estabelece socialmente por uma presença desse sagrado em oposição ao profano, e existe um espaço em cada conjunto do humano onde o Sagrado se manifesta. Esse espaço uma esfera da crença humana, ou como uma esfera da vivência humana é como um princípio organizador das emoções humanas que revelam a sua relação com o divino, e ao mesmo tempo por essa necessidade existencial em contato com o transcendente. Quando o ser humano assume essa face de homem religioso, essa relação com o sagrado passa a ser um princípio central e organizador da sua vida.

Muitos teólogos representam essa experiência com o sagrado através da idéia de Cosmos e de caos. Onde a experiência com o sagrado revela uma presença do homem no mundo de maneira estruturada e com finalidade com objetividade. Por outro lado se encontraria o homem no caótico á medida que perde essa centralidade. O Caos seria esse mundo, lugar humano que não é

ocupado pelos deuses, que não foi criado. A presença do sagrado remete a uma experiência do homem com os deuses, com suas divindades.

Para viver nessa esfera do humano que concebe em si o sagrado o homem cria mitos e ritos, lugar onde surge a religião. O mito é uma história que aconteceu no começo, que representa a figuras de deuses de heróis. Dentro da religião os mitos se tornam responsáveis pela explicação do mundo.

Como o próprio termo apresenta religião vem de *religare* do latim, que quer dizer uma nova ligação do homem com suas divindades. Essa religação ou a elaboração destes mitos e ritos acontece segundo Magalhães, não por apenas uma necessidade humana como também por uma espécie de falta, de incompletude do humano.

Contudo, qual é a origem dessa incompletude? Ela é interpretada, em diversas tradições religiosas, como sinal de uma deficiência ou de um afastamento. De uma insuficiência cognitiva ou de atos que quebram ou quebraram comunhão com o Sagrado. Se há a busca através de mitos e ritos seria porque ele está longe, ou de alguma forma o ser humano dele se encontra afastado. E, no caso da última assertiva constata-se que ritos e mitos tem conexão com este atar que foi desatado, com a percepção de que algum tipo de incorreção humana precisa ser corrigida para que se volte ou se vá à plenitude da comunhão desejada. (MAGALHÃES, 2008, p.75)

Essa incompletude é estabelecida pelo próprio humano em sua vivência em relação com o sagrado, de um afastamento ou de uma incapacidade humana. Em religiões como o cristianismo há a idéia de pecado, uma incorreção, falha ou desobediência humana que lhe afasta da sua divindade. O ser humano para as religiões deve manter o espírito purificado para poder alcançar as divindades. Para Magalhães (2008), as idéias de salvação e

libertação fazem parte da proposta das religiões de superação destas incorreções humanas.

Para cada situação humana as religiões procuram trazer uma resposta, que esteja sempre permeada pela explicação divina. Em cada situação uma prece, um rito, uma manifestação do sagrado, seja como uma explicação, seja como direcionamento. A religião é através do mito a forma de explicar o mundo, e as origens, e através dos ritos de estabelecer uma comunicação entre o humano e o divino. Se o ser humano passa por situações como o sofrimento, por exemplo, ele busca a resposta nas religiões. E cada uma delas vai determinar uma razão para o sofrimento.

A experiência religiosa é uma busca pela plenificação do humano, que é por natureza religiosa. Pode também representar uma busca de uma relação entre homem e divindade, ou seja, ao que se pode chamar transcendência e imanência, o homem corresponde ao mistério, àquilo que lhe é superior às suas possibilidades e conhecimentos.

Essas relações ocorrem e por vezes são registradas de alguma forma pelo homem, e as religiões possuem registros sobre seus mitos, um conjunto de escritos ou de relatos que representam a origem, as leis, e as tradições religiosas. E a forma pela qual esses mitos foram apresentados foi através dos textos literários, em sua essência, capazes de representar a experiência do humano com o divino. Como pretendemos neste estudo lidar com as religiões ligadas ao cristianismo vamos tomá-lo como ponto de partida o considerando como uma religião que tem como suporte o livro: neste caso a Bíblia, texto escrito que faz parte das tradições religiosas cristãs.

Dizer que o cristianismo é uma religião do livro significa, antes de tudo, constatar que boa parte de sua força e poder de sobrevivência de alguns impérios, bem como sua contribuição para a sustentação de outros e ainda seu alcance de mudar trajetórias da vida de muitas pessoas em diferentes culturas e períodos da história deveu-se ao fato de que os pilares de um anúncio, os fundamentos de seu conteúdo, foram traduzidos rapidamente em forma de livros, cartas, contos, alegorias, poesias, etc. (MAGALHÃES, 2000, p.6)

A partir desses conceitos, podemos considerar a interdiscursividade dentro dos campos discursivos: literário e religioso, ou teológico. Estabelecendo desta forma uma interação entre estes dois campos discursivos que se entrecruzam os caminhos, e se evocam um ao outro no momento em que a linguagem está sendo materializada na escrita.

É através da escrita, através do texto que essas duas áreas da experiência e da vivência humana dialogam. As religiões mais importantes da história da humanidade baseiam seus ensinamentos em textos escritos, e os textos religiosos são construídos a partir de outras linguagens, que não a teológica, e entre essas linguagens está a Literatura. Teologia e Literatura se encontram nos textos através da transtextualidade e interdiscursividade. É por esta razão que procuramos estabelecer essas relações intertextuais e interdiscursivas desses dois campos da vida humana. Considerando aqui a relevância sociocultural desse estudo, a pertinência de se avaliar até que ponto a Literatura reescreve a Teologia e até que ponto a Teologia se utiliza da Literatura para representar o sagrado na vida do ser humano. Consideramos também a carência de pesquisa desse tipo. Pesquisas que procuram investigar campos discursivos tão distintos e ao mesmo tempo tão próximos, uma vez que dialogam dentro da cultura. Como afirma Maingueneau (1993): “Em geral, os analistas do discurso não se interessam muito em estudar as relações entre

os campos e se mantém nos limites de um campo determinado.” (1993, p.180)

Essas relações interdiscursivas se manifestam no texto através de reescrituras textuais que evocam os enunciados, processo esse que ocorre como os analistas do discurso defendem dependendo das “condições de produção.” Ou seja, o Sujeito utiliza em seu discurso escrito a reescritura de textos que dialogam com o seu texto, dependendo do contexto situacional da produção deste. Esses diálogos transtextuais e interdiscursivos se dão desde muito tempo. Ocorre que estes extratos textuais são formados por diversos discursos que formam a cultura, e se comunicam para formá-la, no seu caráter heterogêneo e dialógico.

Ambas as linguagens, a literária e a teológica dialogam entre si, pois estão presentes no homem. Representam atividades, realidades e experiências humanas. O homem procura explicar o inexplicável, o irrepresentável (os mitos, os ritos, as experiências), que ocorrem com a religião e procura representar esses, através da linguagem, da palavra que é a forma de comunicação mais completa pelas suas possibilidades de significação, principalmente quando se refere à linguagem literária. A Literatura, por sua vez, refrata os diversos discursos presentes na cultura, reescrevendo-os, dentre os quais os da Teologia. Segundo Brandão (2004)

A religião utiliza a linguagem poética para expressar a experiência pessoal e coletiva e para falar do ainda-não, dos possíveis humanos, da esperança, por deficiência, pois essa linguagem não consegue traduzir a intensidade das experiências; por eficácia, pois o ser humano é capaz de criar de utilizar um sistema simbólico através do qual pode transmitir a outros a sua experiência; e proficiência, porque só a poesia tem força, beleza e capacidade de atingir dimensões do humano que a linguagem comum dissimula. (BRANDÃO, 2004, p.62)

A Literatura e a Teologia se encontram no texto, se refratam, se refletem. A Literatura reconstrói, através de sua matéria prima enquanto arte, a palavra, a significação capaz de representar a experiência humana tão profunda como o é a religiosa e assim reescrever seus temas. Dando suporte através da metaforização para compilar em seu texto a face da relação entre o humano e o sagrado. A teologia apresenta-se como uma reflexão humana sobre deus, o sagrado. E deste modo pode também ser verificada no texto literário como discurso subjacente ao literário dando suporte a ele em revelação de um discurso acerca de Deus.

A reescritura desses textos teológicos se dá por processos de concretização de significados denominados de tematização e figurativização como apresenta Fiorin (2005, p.90). Fiorin determina um eixo de concretização de sentido abstrato. Este define figura como “o termo que remete a algo existente no mundo natural: árvore, sol, Correr...” Já para a noção de tema esse autor define como “um investimento semântico de natureza conceptual, que não remete ao mundo natural” (FIORIN, 2005, p.91).

Sendo assim, pode-se estabelecer que existem textos que corroboram com esquemas figurativos de sentido quando nestes há uma predominância das figuras, e textos que se estabelecem com os esquemas temáticos, como diz Fiorin (2005)

... dependendo do grau de concretude dos elementos semânticos que revestem os esquemas narrativos, há dois tipos de textos: os figurativos e os temáticos. Os primeiros criam um efeito de realidade, pois constroem um simulacro da realidade, representando, dessa forma, o mundo; os segundos procuram explicar a realidade, classificam e ordenam a realidade significante, estabelecendo relações de dependências. Os discursos figurativos têm uma função

descritiva ou representativa, enquanto que os temáticos têm uma função predicativa ou interpretativa. Aqueles são feitos para simular o mundo; estes, para explicá-lo (FIORIN, 2005, p.91).

Essas denominações de figurativização e tematização se dão de forma relativa à predominância. Ou seja, o texto pode ser predominantemente figurativo, ou predominantemente temático. Assim um texto que tenha uma temática teológica é predominantemente temático, mas esse tema é revestido por figuras referentes à Teologia. Por sua vez um texto pode ser predominantemente figurativo, quando o que representam são determinados por uma figurativização do mundo e da realidade.

Reconhecer os percursos figurativos de um texto é descobrir o tema que subjaz as figuras, ao conjunto destas. Já para estabelecer os percursos temáticos de um texto, é necessário avaliar as figuras que concretizam o tema que as revestem.

A Literatura reescreve os textos teológicos a partir de sua capacidade de figurativização, ou seja, de concretização de temas tão abstratos como os que se fazem presentes nos textos teológicos. Reescreve suas figuras, reescreves seus temas teológicos, representa a vida e o ser humano através da palavra escrita, da linguagem literária, como diz Brandão (2004), representa a experiência teológica que se constitui no símbolo, através da metáfora: “As metáforas são, por isso, a superfície lingüística dos símbolos, como a essência própria da poesia (BRANDÃO, 2004, p. 62).”

2.2 RELIGIÃO E MERCADO

A lógica do mercado estabelece uma infinidade de bens e de serviços voltados sempre para o consumidor, e é este efeito que o sistema capitalista visa. A geração desta influência sobre os consumidores. Existem duas grandes teorias responsáveis por apresentar um estudo sobre este sistema, que ao longo de toda a história aprofundaram esta temática. Essas teorias foram estabelecidas por Max Weber e Karl Max. O primeiro que estudou o capitalismo o determinando a partir de fatores externos à economia. O segundo prevê o capitalismo associando a sua constituição ao processo histórico que este mesmo se configurou.

Ao longo dos estudos desse sistema econômico e ao mesmo tempo da análise do cristianismo, sempre se tem discutido seja no interior da sociologia, ou de outras ciências sociais a evidência do ajuste do discurso religioso ao discurso do mercado. Estas relações que envolvem práticas simbólicas resultam de um processo histórico representado na mercantilização ou comercialização do sagrado.

No surgimento do cristianismo e mesmo nas tradições fundantes dessa religião o viés econômico já se fazia também presente, o que nos é possível estabelecer que este processo ou ainda esta característica das religiões não é o fenômeno do presente, como pretendemos abordar determinados acontecimentos relacionados à economia alteraram e ainda alteram o perfil da religião, e o pensamento e conduta dos fiéis. Se observarmos os estudos sobre a religião e a sociedade, vamos certamente encontrar referências à sistematização de classes sociais na sociedade judaica, que influenciava direta

e hierarquicamente na divisão também dos grupos que constituíam a religião. Esta organização se pautava na situação econômica e ao mesmo tempo no papel social ocupado.

O cristianismo surgiu numa sociedade já habituada à comercialização do sagrado, porque, no primeiro século dessa era, em muitos santuários de tradição asiático-greco-romano praticava-se um intenso comércio ao redor do espaço sagrado. Mesmo o templo de Jerusalém, na época de Jesus, era controlada por uma casta sacerdotal que ali desenvolvia um comércio regular de animais destinados ao sacrifício e cambiava moedas trazidas por judeus de todo o império romano, proibidas de circularem na área do templo. (CAMPOS, 1997, p.167)

Durante a Idade Média, período em que a Igreja Católica era a instituição dominante, essa comercialização também se intensificou. Campos (1997), ao comentar esse fato, diz que “com a monetarização crescente da sociedade no final da Idade Média, as relíquias, os sacramentos e até as indulgências chegaram a ser trocadas por moedas (p. 171).” Essas práticas de venda de indulgências, ocasião em que eram levantados recursos a partir da promessa de garantia do perdão para os pecados, constituíram-se um dos fatores que contribuiu para o desencadeamento do movimento protestante. A essa altura estamos no nascedouro da era moderna com suas peculiaridades econômicas, a que se seguem transformações e uma crescente intensificação do comércio, ao tempo em que a religião também tenta transformar-se e expandir-se, o que se pode ver no embate que acarretou intensos conflitos, representados nos movimentos de Reforma protestante e Contra-Reforma, pois as profundas transformações ocorridas em todas as áreas do conhecimento e da vida social nesse período e as crises decorrentes desse momento impulsionaram os grupos cristãos a buscarem “arrebatar” cada vez mais fiéis.

O protestantismo que, do ponto de vista teológico, pode-se dizer que surge como reação às práticas religiosas da Igreja Católica, contrapondo-se a estas a partir de um juízo de que se aproveitavam dos seus fiéis, ao mercantilizarem a fé. Por outro lado, na seqüência histórica, pode-se observar que com o crescimento dos grupos protestantes e o simultâneo fortalecimento do Capitalismo, o Protestantismo e alguns grupos que se foram gerando dele passaram a se integrar também neste sistema de mercado e a assumir as características e os métodos deste.

O Protestantismo, depois de passar pelos grandes avivamentos espirituais, nos séculos XVII, e XVIII, ampliou a sua participação mundial de bens simbólicos, através de missões evangelizadoras, estratégia que se mostrou eficiente no processo de expansão... (CAMPOS 1997, p.175).

Foi Max Weber que tratou desta problemática do envolvimento e reflexão do pensamento religioso com o pensamento capitalista através da obra "A ética Protestante e o espírito capitalista". Trabalhando o conceito de predestinação ele justifica o pensamento religioso pelo viés econômico, onde o ser humano do sistema capitalista acredita receber como graça, como algo que lhe está predestinado, os bens materiais. Como o objetivo do homem capitalista é aumentar cada vez mais o seu capital também seria a religião uma maneira de alcançar essa realização.

Dentro de seus estudos Weber constatou que os capitalistas mais bem sucedidos de sua época, e da sociedade em que pertencia eram protestantes. Para Weber os protestantes se utilizavam da idéia de vocação, ou de predestinação para o lucro, de modo que foi a partir deste conceito de vocação que se manifestou aquilo que ele entende como o dogma central de todos os

ramos do protestantismo, segundo o qual a única maneira de viver aceitável para Deus não estava na superação da moralidade secular, mas sim no cumprimento das tarefas “do século”, impostas ao indivíduo pela sua colocação social.

E ao lado desse pensamento de que foi no início da idade moderna também a intensificação de uma vinculação da vida econômica a vida religiosa, Weber também constatou que o processo da implementação do capitalismo foi responsável por certa dessacralização do pensamento religioso. De modo que forma moderna de racionalizar totalmente a concepção do mundo e do modo de vida, teórica e praticamente, de forma intencional, foi desviar a religião para o mundo racional. Neste a religião passou a se orientar a partir de uma duplicidade da racionalidade. Uma direcionada aos valores da instituição, e a outra que concentra a dessacralização da religião, que passa a não exercer o mesmo domínio sobre o pensamento da época.

Max Weber percebeu certa dessacralização dentro do campo religioso. Isto é, a dupla racionalidade do religioso: uma, orientada para os valores; a outra para um fim preciso (ética da ação) que tende a dessacralizar o enfoque, como é o caso da doutrina social. (HOUTART, p.36, 2002)

Este processo resulta nas sementes dos processos de secularização que permeou os tempos modernos e contemporâneos. Uma vez que o pensam, então moderno se instaura influenciado pelos ideais iluministas, baseado na substituição das idéias pelo pensamento racional. Esse processo consiste num afastamento da sociedade de uma possível dominação da instituição religiosa, de sua força simbólica e espiritual. Começando com as críticas religiosas por parte da ciência, e da filosofia à religião e culminando nas

idéias filosóficas acerca da morte de Deus, como superação dos valores, apresentado por filósofos como Frederick Nietzsche.

Mesmo com essa idéia e com a dessacralização a economia de mercado não se desvincula do pensamento religioso, a secularização pelo contrário serve de base para que o pensamento religioso seja repensado. Nietzsche, entre outros que afirmaram a morte de Deus não fizeram mais que discutir a existência de Deus elaborando um pensamento acerca deste. Esse processo resulta na verdade no que se denomina de dessecularização. O processo de secularização acontece na sociedade moderna, e acontece dentro da própria religião com o surgimento do protestantismo, à medida que se passa a questionar os valores católicos, mas acaba provocando sim um reavivamento da crença.

2.3 RELIGIÃO E MERCADO FINANCEIRO NA LITERATURA

A Literatura representa o humano e social o espelha, e pode de comum influenciá-lo. Algumas obras da Literatura foram responsáveis por representar a relação financeira da instituição religiosa. A religião enquanto instituição social não deixa de passar pela lente da construção Literária, que passa a ser mostrada pelo texto Literário. Onde a arte e a religião e o discurso acerca do sagrado compartilham-se mutuamente. E a religião que tem centralidade nas decisões da vida pública.

Um dos primeiros autores brasileiros que versaram sobre essa relação entre a religião e as atividades econômico-sociais foi Gregório de Matos. O autor em uma de suas vertentes do poético, busca desnudar o viver

seiscentista baiano em todos os seus aspectos. Crítica em seus poemas e suas crônicas, figuras da alta representatividade da sociedade burguesa da época, inclusive a vida dos clérigos.

A eterna contradição humana do divino, e das coisas do mundo aparece em seus poemas com sátira ao comportamento humano. Do Boca de Inferno não escapam altas representações políticas e muito menos religiosas. E os que tem mais poder e mais prestígio e ocupam os cargos na sociedade baiana da época são exatamente os que tem mais bens e riquezas. No poema “As coisas do mundo”, podemos evidenciar com clareza como Gregório expressa a sua opinião. Há uma relação direta com a realidade e com o Brasil, numa crítica direta a situação de exploração colonial empreendida pela política portuguesa.

AS COUSAS DO MUNDO (42)

Neste mundo é mais rico o que mais rapa:
 Quem mais limpo se faz, tem mais carepa;
 Com sua língua, ao nobre o vil decepa:
 O velhaco maior sempre tem capa.
 Mostra o patife da nobreza o mapa:
 Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;
 Quem menos falar pode, mais increpa:
 Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

Observando o soneto, construído em decassílabos heróicos e sáficos, com um vocabulário, popular e chulo, que conferem a sua execução uma comunicação original e inaugura uma relação de meta linguagem pela transgressão temática do soneto, nestas terras.

Outro autor que conseguiu apresentar a dimensão da mercantilização do sagrado foi Machado de Assis. O autor em muitos de seus contos deu uma atenção especial à relação do humano com o sagrado. Da questão da própria religião. Em Dom Casmurro, por exemplo, um dos conflitos do romance é a

questão da promessa feita pela mãe de Bentinho para que ele fosse ser padre. Em “A igreja do Diabo”, há uma reflexão acerca do caráter humano frente à relação com o sagrado. Frente ao comportamento respaldado pelas normas religiosas e sociais. Em outros textos o autor revela umas reflexões acerca de comportamento dos clérigos. Mas é no conto “Entre Santos” que o autor delinea bem essa questão mercadológica do sagrado.

O conto narra uma conversa entre os santos da igreja em que cada um deles vai comentando o comportamento dos fiéis que chegam na igreja e que fazem pedidos e orações. Mais do que analistas de uma conduta os santos analisam as reações humanas, o procedimento dos fiéis. Um destes era um varo que havia ido até a igreja para fazer uma promessa e salvar sua mulher. Com esta estava doente da perna ele prometera mandar fazer uma perna de Gesso se ela melhorasse. Contudo Salles começou a refletir no gasto usurpado pela promessa feita.

No ar, diante dos olhos, recortava-se-lhe a perna de cera, e logo a moeda que ela havia de custar. A perna desapareceu, mas ficou a moeda, redonda, luzidia, amarela, ouro puro, completamente ouro, melhor que o dos castiçais do meu altar, apenas dourados. Para onde quer que virasse os olhos, via a moeda, girando, girando, girando. E os olhos a apalpavam, de longe, e transmitiam-lhe a sensação fria do metal e até a do relevo do cunho. Era ela mesma, velha amiga de longos anos, companheira do dia e da noite, era ela que ali estava no ar, girando, às tontas; era ela que descia do tecto, ou subia do chão, ou rolava no altar, indo da Epístola ao Evangelho, ou tilintava nos pingentes do lustre. (ASSIS apud FILHO, 2001, p. 264)

Tentava até rezar o personagem, mas nem isso o sabia direito, só sabia dizer que a mulher ia morrer, e pedia a Deus, a São Francisco de Sales, aos

anjos que não permitissem que ela morresse. Diante disto, desta aflição e de tais devaneios com a moeda, surge à idéia da troca da promessa. Ponto em que ressaltamos o papel da tentativa da mercantilização do sagrado. De forma que o Sales propõe uma troca de espécie:

E o Sales, curvo, contrito, com as mãos postas, o olhar submisso, desamparado, resignado, pedia-me que lhe salvasse a mulher. Que lhe salvasse a mulher, e prometia-me trezentos, — não menos, — trezentos padre-nossos e trezentas ave-marias. E repetia enfático: trezentos, trezentas, trezentos... Foi subindo, chegou a quinhentos, a mil padre-nossos e mil avemarias. Não via esta soma escrita por letras do alfabeto, mas em algarismos, como se ficasse assim mais viva, mais exata, e a obrigação maior, e maior também a sedução. Mil padre-nossos, mil ave-marias. E voltaram as palavras lacrimosas e trêmulas, as bentas chagas, os anjos do Senhor... 1.000. (ASSIS apud FILHO, 2001, p. 264)

No conto a atitude do personagem é descrito como a avareza, todavia esta é uma atitude de um homem capitalista. Primeiro atenta pelo valor que vai gastar, e isto, no entanto lhe perturba, pois uma simples promessa parecia lhe custar então muito cara.

Depois revela ainda mais a especulação na proposta da troca da promessa. Por um valor mais alto que a simples moeda, as mil orações que, no entanto lhe iriam custar muito menos, e que representariam menos ainda no seu bolso. E mesmo antes dessa negociação ainda na primeira promessa como afirmava o personagem do santo este último achava que pela promessa o Santo iria lhe atender. Teria de lhe atender, tentava então o homem através da promessa comercializar a graça. Assim Machado de Assis representa a postura de determinados cristãos que assumem na sua fé, e na sua religião uma postura de comercialização das graças, das recompensas.

De forma que, por exemplo, em que é proposto aos cristãos a trocar as indulgências por uma vida eterna. Como se o sagrado pudesse também atender a ética do capitalismo. Assim como hoje em algumas igrejas, há “chamadas”, para atrair os fiéis para a igreja em busca de “sucesso na vida financeira”, pela “cura de enfermidades”, pela “libertação dos males”.

No Teatro podemos citar como exemplo de crítica a mercantilização do sagrado um trecho da obra o auto da compadecida de Ariano Suassuna. A peça ressalta moral católica e vai ser construída a partir desses elementos. O nordestino é representado pela sua fé. Há um episódio da obra em que os personagens Chicó e João grilo recebem a incumbência de seus patrões para soltar ao padre da paróquia que faça o enterro de sua cachorrinha que morreu em latim.

CHICÓ

Mandaram avisar para o senhor não sair, porque vem uma pessoa aqui trazer um cachorro que está se ultimando para o senhor benzer.

PADRE

Para eu benzer?

CHICÓ

Sim.

PADRE, com desprezo

Um cachorro?

CHICÓ

Sim.

PADRE

Que maluquice! Que besteira! (SUASSUNA, 2004, p.22)

O padre não concorda e João Grilo, mas o personagem alega que a cachorra é de um fazendeiro poderoso e rico chamado Major Antônio Morais e, então, o padre aceita. Sendo para um rico fazendeiro o padre benzeu até um motor. Comercializou a graça, pois este personagem era quem dava donativos para a igreja. Mercantilizou a benção.

PADRE

E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Moraes?

JOÃO GRILO

É. Eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado obedecer, mas disse a Chicó: o padre vai se zangar.

PADRE, desfazendo-se em sorrisos

Zangar nada, João! Quem é um ministro de Deus para ter direito de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

JOÃO GRILO, cortante

Quer dizer que benze, não é?

PADRE, a Chicó.

Você o que é que acha?

CHICÓ

Eu não acho nada de mais.

PADRE

Nem eu. Não vejo mal nenhum em abençoar as criaturas de Deus. (SUASSUNA, 2004, p.24)

Para conseguir que o padre realizasse o enterro em latim, João Grilo também diz que a cachorrinha era uma cristã devota e que deixara em testamento 10 contos de reis para a igreja. O padre realiza o desejo de todos e quando voltam à igreja encontram o bispo contrariado que logo se arrefece ao saber que a cachorrinha deixara 7 contos de réis para a paróquia, ou seja, sob sua responsabilidade e 3 contos de réis para a igreja. Mais uma vez a graça é aqui comercializada, dessa vez pelo próprio dinheiro, para fazer o enterro em latim, mantendo uma tradição antiga das celebrações serem em latim o padre recebe uma quantia de uma suposta herança da cachorra.

Essa exposição do sagrado mercantilizado se expõe na Literatura como podemos perceber. Não aparece apenas na Literatura de Luís Augusto cassas. O diferencial do texto de cassas é que o autor interpreta a vivência humana indissociável de um viés humano, e divino.

Deus e o mundo
Vim para salvar os injustos,
Perdoar os inimigos
E juntar os opostos:
O feijão e o sonho.
(...)
Se alguém disser
Que é a favor do espírito e contra a matéria
Não me compreendeu (CASSAS, 1998, 77)

São dois pólos do humano para Cassas o anseio pelo material e a ligação com o sagrado. Para o poeta uma dualidade que faz o humano ser completo como um todo.

3. DEUS MIX E O SHOPPING DE DEUS: SAGRADOS NEGÓCIOS

3.1 HUMANO E SAGRADO NUMA POÉTICA DE RELIGAÇÃO

Mestre em sua poesia maranhense, na qual procura revelar as facetas da sociedade do maranhão, e as desigualdades que se instalam no centro dessa relação, Luís Augusto Cassas é responsável por representar em seus poemas a intimidade do humano com o Sagrado, revelando as faces humanas de relação com Deus e com o mundo. É dos mistérios da transcendência que se ocupa a construção dos seus poemas. Deste modo, perpassa o movimento poético revelando as relações religiosas, e místicas reveladas tanto na cultura bíblica, como nas experiências com ocultismo, cabalismo, esoterismo.

Trata-se de uma poesia que interpreta as interfaces da alma humana que está em relação com o transcendente, capaz de afirmá-lo, ou negá-lo, sem contanto perder essa ligação. Os livros de Cassas são compostos de poemas que apresentam e internalizam elementos profanos e religiosos, que demonstram o espírito do homem moderno que traz em si a religiosidade de uma tradição sociocultural Judaico-católico-cristã, num mundo de profundas e complexas transformações técnico-científicas e sociais: *que céu é esse de Embriões & clones* (CASSAS, 2000, p. 37), e processos de secularização e dessecularização da religião. Diante disso podemos encontrar, na leitura de seus poemas, como o ser humano concebe e experiência a sua relação com o divino, com o sagrado neste contexto.

É a vida um dos elementos essenciais celebrados nos poemas de Luís

Augusto Cassas, em representação dos sentimentos e desarranjos do humano em que se revela a vida, e alma do homem e a essência de suas experiências, sociais, religiosas, humanas e ao mesmo tempo esta vida permeada por contradições de um humano que evoca o tempo todo, a completude e plenitude do divino e as diversas contradições entre materialidade espiritualidade, *Tenho dois amores: Deus e o mundo* (CASSAS, 1998, p 31). A poesia de Cassas tenta revelar a intensidade da experiência humana com o sagrado, e ao mesmo tempo a complexidade da vida humana no mundo gerador de conflitos da modernidade que o circunda. Trata-se, desta forma, como aborda Silva (2002) de uma tentativa do poeta de imprimir em sua poesia as diversas faces do humano e da vida.

Do Retorno da Aura das suas fecundas transmutações e alquimias densamente transfiguradoras, rumamos, com os olhos embriagados de imagens e a alma encharcada de poesia por todos os lados para o mais que envolvente território da paixão e sua indisciplinada liturgia, em cujo epicentro, o amor a Deus, a vida, a si mesmo, à mulher amada enfim, a tudo o que integra o vasto enredo da existência, paira soberano como a mola propulsora da vida em suas plurifacetadas dimensões. (SILVA, 2002, 92)

Cassas representa em seus poemas a diversidade de sentimentos da condição humana diante de tantas questões suscitadas: questões filosóficas, sociais, religiosas, sentimentais. Enfim, tudo que inquieta o ser humano, e que de qualquer forma, faz parte dele.

Em **Deus Mix**: salmos energéticos de açaí com guaraná e Cassis, seu décimo livro, o autor se propõe, como em seus outros livros, a estabelecer essas relações e inquietações. Para tanto se propõe a escrever os salmos energéticos. Sua produção de orações em louvor a um deus já está proposta

no prólogo do Livro, em que o poeta direciona-nos para o que iremos encontrar nas páginas seguintes.

O poeta constrói a partir de um texto dialógico com o suposto espírito do rei Davi, um lirismo que já nos principia a entender e a alicerçar o livro. Neste diálogo, Cassas recebe a incumbência de escrever salmos que celebrem a relação Deus-homem- mundo, uma vez que os salmos de Davi celebravam a relação Deus-homem, e assim se apresentará uma forma tríplice de oração. Não mais dos homens em oração, em diálogo com Deus, mas esses homens em relação com Deus e ao mesmo tempo celebrando o mundo.

Se nos salmos bíblicos constatamos a vivência de Deus como protetor, guia misericordioso, e pai, e muitas vezes como um pai cruel, castigador dos injustos e ao mesmo tempo, do homem que se apresenta diante de Deus com temor, contrição, fé, obediência, alegria ou lamentação no livro de Cassas encontramos esse homem no mundo, homem moderno que se apegua às coisas materiais, que cultiva mais o ter do que o ser, que cada vez mais se deixa levar pelos interesses do mercado, que mergulha numa cultura global. Apesar dessas transformações, o sagrado se faz ainda se faz presente nos poemas de Cassas, transcritos em novos salmos, apresentando outros elementos que se põem em conflito com as orações de Davi.

Os poemas de Cassas são salmos que celebram um Deus Mix, Deus que parece se apresentar muitas vezes em concorrência imagética e propagativa com os *BigMacs* da vida.

A melhor solução apresentada pelo poeta é celebrar o açaí, para dar mais força a esses salmos energéticos, que de determinada forma também desempenham o intento de representar o homem e a vida. E acrescenta-se a

esses o guaraná, também energético e, melhor ainda, produzido no Brasil, sem resquícios de importações que representam o fenômeno global. Acrescenta-se ainda a esses salmos a literariedade de Cassas, de Cassis, como apresenta o poeta. O seu lirismo poético-profano, mas palimpsestico - teológico, e a sua ironia.

Desse “coquetel”, surge este livro no qual estamos realizando nossa pesquisa, este **Deus Mix**, de Luís Augusto Cassas. Livro sobre o qual aqui nos debruçamos e buscamos algo. Este algo já nos é possível identificar, pois está evidente a presença marcante do sagrado nos poemas, nos salmos energéticos. Dentro desses aspectos é possível identificar a presença de extratos teológicos intertextuais e interdiscursivos. Os textos são Salmos. Salmos que celebram o homem no mundo e com Deus. Diante disso, se apresentam como hipertextos, pois remontam não só o gênero salmítico, mas também revelam e evocam intertextos e interdiscursos de várias partes da Bíblia: dos evangelhos, do livro de Coríntios, de Gênesis etc. Apresentam interdiscursividade à medida que ao retomar esses textos, retomam a mensagem e as significações simbólico-teológicas destes.

Os salmos energéticos se apresentam como cânticos, mas cânticos que celebram ao “açai”. As súplicas de Cassas são escritas para suplicar e recorrer a “máquina” (p.25). Ora-se também ao “acessório para se tornar suspensório” (p.35). Se dá graças aos “dividendos”, pois “onde mora a graça vive o investimento” (p.33)

O poeta também não se esquece dos santos “Lady batata frita” e “Mr. Guardanapo” e suplica a eles para “pousar as almas aflitas, ao olimpo do plástico”, para enfim celebrar ao Mcdeus. (CASSAS, 2004, p.37).

A produção de *Cassas em Deus Mix* constituiu-se na reescritura desses gêneros, das orações que tem acompanhado os fiéis desde os movimentos seculares, em que estes se constituíram na melhor forma de conversar com Deus. O poeta reescreve esses gêneros e se utiliza de passagens significantes de conteúdo cristão dentro da bíblia, e assim, acrescenta nesse reescritura, o sentimento humano.

O ser humano e a vida foram representados no saltério. E esse ser humano em convívio com um Deus onipotente e onipresente, capaz de derrotar todos os seus inimigos, e que se fazia presente em todos os momentos. Os salmos de *Cassas* acrescentam o homem no mundo, e, como podemos perceber, o homem envolto em diversas descobertas científicas, com uma homogeneização da cultura, e que podem se modernizar, melhorar sua qualidade de vida, e fazer diversas dessas descobertas em breves espaços de tempo. Mas que, de determinada forma não se desvincula de Deus, do sagrado, e na sua condição de ser humano que se vê muitas vezes intrigado com sua própria maneira de estabelecer seu contato com Deus, dentro desse mundo complexo de si mesmo e ao mesmo tempo, dentro da complexidade maior que é o mundo e suas transformações, onde até a cultura de certa forma tende a se unificar, se globalizar.

Cassas representa o homem submerso à tecnologia e à globalização, com tantas facilidades, tantas máquinas que resolvem certos problemas nossos em segundos. Esse homem que parece ignorar o Deus dos antigos hebreus, como o próprio poeta declara “Deus por fazer”.

O fato é que esse homem moderno interpreta e vivencia Deus de uma forma diferente. O poeta reescreve os textos e extratos teológicos em sua

literatura, da maneira com que representa o seu tempo, e o homem do seu tempo na sua relação com Deus. O divino está presente em sua memória social e discursiva, pois vive em uma sociedade cristã, mas o concebe de outra forma, envolto no mundo das novas tecnologias. É por essa razão que o sagrado se revela como pano de fundo pamlipsestico nos salmos de Cassas.

Na face de Deus, o eu - lírico vê o seu rosto, e não o inverso. E ainda, esse eu - lírico não se apresenta em seu estado de contrição, e sim perdoa a Deus por ter feito com que sua vida em meio ao turbilhão da modernidade seja mais complicada. E assim o poeta reescreve a sua literariedade: o homem, Deus, e o mundo.

Em **O shopping de Deus** o poeta assume a sua dualidade. É o homem constituído, e não dividido, por esse sentimento de amor ao mundo e a Deus. Uma fusão “do ideal, com o real, segundo o poeta. A crença que professa é uma fé que se estabelece a partir da razão e da fé, sem a intenção de ser “o super-homem”. O eu poético encontra-se envolto a objetividade materializadora do mundo e a subjetividade religiosa do espírito humano e social.

De seus livros anteriores em que procura mais ironizar e questionar a fé, ele traz um pouco, mas a essência dessa obra é o mergulho na alma do homem, na alma do negócio que divide o homem em ser material e espiritual. Que revela a relação de adoração, do homem pelo dinheiro como um deus capaz de satisfazer os seus desejos, e ao mesmo tempo inscreva a relação sagrado e profano como um meio de obtenção tão somente da graça como da possibilidade de ascensão e de lucro através da mercantilização dessa graça. “O purgatório, ladrão do crediário, vende a alma em cartório.” (CASSAS, 1998, p. 119)

Dentro deste contexto o humano vê-se consorciado e convidado a entender a multiplicidade do fenômeno religioso que emerge do profano. Reclamando a dura realidade de tentar decifrar os mistérios de Deus e do mundo por meio de suas poesias. “Ai nesse mundo de meu Deus, fazer síntese entre deus e o mundo é um peso insuportável.” (CASSAS, p. 130) Para o poeta peso insuportável é a escolha da ciência de tentar elaborar teorias ao sagrado e suas manifestações. O angustia ver que o homem tenta investigar a fé e mostrar “ci-en-ti-fi-ca-men-te que a vê veste, mas a ciência despe.” Quando na realidade a sua proposta é justamente indissociar esses dois elementos.

O desconforto estético-ético-religioso-físico-metafísico-lógico-ontológico que recobre todas as camadas afetivas da expressão poética do notável poeta maranhense e lhe empresta um tom e dicção originalíssimos em nossa plurifacetada lírica contemporânea, em cujo estuário não falta nunca a celebradíssima esperança, provém exatamente do fato de que a poesia e o homem, a arte e a ciência, a fé e a razão ainda não foram capazes de perceber que são faces indissociáveis de um mesmo projeto divino-humano que clama por total plenificação. (SILVA, 2009, p.97)

A proposta do poema de Cassas em o Shopping de Deus é justamente explorar a relação entre as diversas faces do humano, sem individualizar nenhuma delas, e ao mesmo tempo representar através da palavra, de que modo cada uma delas é responsável por modificar e constituir o humano em relação com a outra. O homem é animal poético e profético ao mesmo tempo para Cassas.

3.2 MERCANTILIZAÇÃO DO SAGRADO E GLOBALIZAÇÃO

A globalização acarreta uma forte aceleração das transformações sociais e econômicas, promovendo um estágio de interdependência de todos os povos e economias da superfície terrestre. Esse processo que se inicia com a expansão capitalista dos séculos XV e XVI, encontra-se hoje num estágio avançado devido às diversas transformações ocorridas do mundo moderno. No contexto cultural, ocorre uma interação entre os povos, de forma que se unem pelos mesmos hábitos: assistem aos mesmos filmes, comem os mesmos alimentos, se comunicam com mais rapidez, e até ficam sabendo das mesmas notícias que ocorrem em qualquer parte do mundo em instantes, pelos mesmos agentes de comunicação e conseqüentemente com as mesmas interpretações. É por esta razão que muitos se referem a este aspecto da globalização apresentando a noção de aldeia global. Apesar dessa unificação dos povos, as desigualdades não diminuíram, pelo contrário, observa-se o aumento das disparidades entre pobres e ricos. Nesta realidade é que a comercialização de bens e a expansão das empresas vão gerando uma intensificação do setor econômico e o consumo passa a ser o motor da sociedade.

Com a globalização, a economia, os meios de comunicação, a configuração das políticas nacionais, bem como os hábitos pessoais foram alterados, havendo assim uma intensa reformulação da sociedade, de modo que a religião, enquanto organismo social, vai também se modificando, adaptando-se ao seu meio, ao tempo em que busca ajudar o indivíduo a se situar dentro dessa nova realidade. Neste novo mundo globalizado, a religião,

enquanto produto da cultura e da sociedade, assume um novo papel, mas que, de certa forma, é ainda uma continuidade do mesmo processo de “mercantilização do sagrado” que se processava desde outras eras passadas. A Religião aparece neste contexto não destituída de sua parcela de contribuição e ao mesmo tempo de participação de estruturação desse meio social, como afirma Sung (2005).

é interessante notar que cada vez mais os analistas sociais estão tomando o fator religioso como um dos componentes fundamentais da reorganização social exigida pelo processo de globalização econômica e da revolução tecnológica, ou, como diz Castells, pela formação da sociedade em rede. (SUNG, 2005, p. 43).

A religião então se aproxima da economia, toma como subsídio esta e configura-se para os novos fiéis de um mundo globalizado, buscando não perder de forma alguma seu público. Se o homem moderno se reveste de uma mentalidade globalizada, a religião tem que buscar esse homem, tem que procurar preenchê-lo de alguma forma. Para tanto se apresenta como uma mercantilização mais uma vez. Só que, contemporaneamente, com mais força expressiva, pois a busca por recompensas também é maior, e a religião enquanto comercialização do sagrado procura, assim como o mercado, se apresentar de maneira mais acessível e mais vantajosa para este. São as recompensas, a grande “benção”, o lucro maior, que interessam nessas relações. A teologia da prosperidade entra na cena principal dessa igreja como sinal do “favor divino”. Ora, mas a situação de desigualdade está presente na sociedade, promovendo exclusão de indivíduos e levando-os a viverem sem a mínima dignidade. É aí que, pouco satisfeitos com suas condições, muitas pessoas descobrem nos discursos de religiosos as promessas de

“prosperidade”, de “progresso” e de reconhecimento. Tais discursos carregam um grande poder de sedução, de modo que fazer parte de um grupo religioso que pode satisfazer essa necessidade torna-se então um ganho, pois sente-se incluído em um grupo poderoso, e um ótimo investimento para ascender socialmente.

Dentro desta concepção de “ajuste” da religião ao mercado aparece a conotação do “merecimento”. Como já expusemos, a globalização e as novas ordens mundiais tendem a aumentar também certos problemas sociais como o desemprego e a diferença econômica entre ricos e pobres. Neste sentido, a relação entre os fiéis e a Igreja ocorre de maneira a estabelecer a idéia de que se estes têm prosperidade financeira é pelo fato de que deus se faz presente na vida deles. Como afirma Jardimino (2007), “O sucesso econômico e a prosperidade são sinais visíveis de que deus está com o fiel e vice-versa.”

Como se o fiel que adquirisse seus bens materiais fosse um escolhido, eu eleito, abençoado por deus para conseguir progredir no setor financeiro de sua vida.

Além da busca pelo consumo, podemos ressaltar também como marcas dessa religião moderna a competitividade. Muitas igrejas tendem a competir como verdadeiras instituições econômicas, “na busca de apoio de vários setores populares.” Todavia essa competição não se inscreve apenas no âmbito religioso. Muitas igrejas por seu forte marketing e sua crescente rede de adeptos se constituem numa enorme competição entre esta e as diversas outras instituições da sociedade, no que tange a comercialização e produção de bens de consumo que, como afirma Jardimino (2007), “dão sentido à vida das massas, transformando a fé num investimento seguro.”

3.3 DEUS MIX: O SAGRADO ESTÁ NO MERCADO

É do universo contemporâneo que sobrevive a poética de Luís Augusto Cassas, de relação do ser humano com as experiências sociais, científicas, familiares e religiosas, ao mesmo tempo, apresentando um conteúdo teológico que, embora em sintonia com o mundo contemporâneo, revela-se heterodoxo em relação aos discursos das igrejas. Como a Literatura reconstrói o real, representando-o de modo a traduzir vivências, experiências, idéias e sentimentos humanos, os poemas de Cassas representam a religiosidade e com os discursos teológicos das igrejas estabelecem relações de conflito. Trata-se de um sagrado encarnado nas mazelas do mundo mercantilizado e materializado, mas que não deixa de ser outra das faces do deus do humano moderno.

A produção literária desse poeta maranhense se apresenta em seu livro **deus Mix**, como forma de salmos. Sabemos que os salmos se constituíram como orações do povo hebreu, que depois foram assimiladas pelos cristãos e até hoje se constituem como importante elemento nos ritos litúrgicos da igreja cristã. Os salmos de Cassas são também orações, também se apresentam como súplicas, como lamentações ou como ações de graças. A diferença desses salmos está na expressão. O salmista contemporâneo não está mais em relação direta com deus, pois entre este e deus está um conjunto de coisas do mundo. A proposta do poeta é celebrar deus, o mundo e o homem, já que o salmista judeu só se preocupou em celebrar a relação deus-homem.

O humano que se transfigura nos salmos energéticos é alguém que concebe deus como um devedor, que deve a salvação à humanidade, pois cobra que isso ficou escrito em sua promessa; são pessoas que se encontram

em uma realidade de diversas descobertas tecnológicas, numa constante homogeneização da cultura, na qual esse deus também se encarnou. São pessoas aptas a se modernizar e melhorar sua qualidade de vida num simples clic na tela de um computador. Esse elemento, o mundo, a modernidade, a globalização fascina esse ser humano a ponto de levá-lo cada vez mais a querer estar incluído nesse mercado e sistema consumidor.

A despeito de tudo isso, esse sujeito social moderno não se desvincula do sagrado, pois este se inscreve nele como memória e como renovação nos ambientes do seu cotidiano. Devido aos próprios conflitos gerados pela inserção neste sistema, o deus é convocado, faz-se necessário. E como ao mesmo tempo a religião vai incorporando as conotações de mercantilização multiplicam-se os adeptos do mercado religioso, os compradores dos bens simbólicos e a circulação de pessoas nesta instituição, buscando o consumo imediato, aumenta.

À semelhança do que ocorre no sistema de mercado, essa nova igreja busca adaptar-se aos desejos dos clientes ou procuram criar novos desejos para os quais possam dirigir alternativas de satisfação, apresentando um deus bem sucedido e poderoso para fazer prosperar quem ele queira. Por esse motivo o deus que é celebrado nos poemas de Luís Augusto Cassas é um **Deus Mix**, ou um **McDeus** como afirma o próprio poeta, “o acionista principal,” que “nunca foi inimigo do dinheiro.”

Esse deus Mix também reafirma sua aliança dentro de toda essa realidade em que as pessoas se encontram, com a reformulação carnalizada do grande mandamento, como podemos perceber no salmo do verdadeiro mandamento, que se apresenta como intertexto do grande mandamento bíblico

“amar a deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo”. Só que o verdadeiro mundo de deus, nessa versão Mix, é amar as coisas antes de tudo:

amar as coisas
 acima de todas as coisas
 desejar as coisas
 mais que qualquer coisa
 aspirar às coisas
 antes de outra coisa
 em nome da salvação
 não pronunciar
 o santo nome em vão. (CASSAS, 2001, p.24)

O primeiro e verdadeiro mandamento do mundo globalizado é “amar as coisas, acima de todas as coisas”, assim condiciona o espírito do Capitalismo. Amar aos bens materiais e tentar adquiri-los de qualquer forma, e a qualquer custo, a custo da própria idéia da salvação. Porque já que o mandamento diz “não pronunciar seu santo nome em vão”, então não se deve amar a deus sobre as coisas, antes de qualquer coisa, devem-se amar as coisas.

E já que dá-se graças pelas coisas, deve-se ainda fazer o máximo de coisas, tem o máximo, produzir o máximo no mínimo de tempo. Com a industrialização, e com o sistema capitalista tende-se diminuir o tempo da produção para maior lucratividade. Na atual conjuntura da Globalização religiosa, visa-se o mínimo de investimento e o máximo de resultado, o maior alcance e o maior envolvimento de todos. Para esse aspecto, Cassas propõe que se ore com o “salmo da alta rotatividade”

o máximo de significado
 no mínimo de investimento
 o máximo de resultado
 no mínimo de esforço
 o máximo de amor
 com uma gota de suor
 o máquina
 orai por nós
 que recorreremos
 a vós. (CASSAS, 2001, p.25)

O mínimo e o máximo, uma contraposição gradativa. O mais importante são os resultados imediatos aos investimentos. Com o mínimo de esforço, com uma simples gota de suor, pois a máquina diminui o esforço físico, conseguir o que se anseia. E tudo isso se deve à máquina, e que ela ore por nós neste mundo industrializado que recorremos a ela sempre.

Mas é a propaganda a alma da religião globalizada. Sem propaganda e sem uma verdadeira garantia das realizações individuais não existe a mercantilização do produto. Sem esse espírito de propaganda, as igrejas não conseguiriam comercializar seus bens simbólicos e nem adaptarem sua mensagem religiosa às necessidades do mercado religioso. Além disso, as igrejas se apresentam com uma diversidade de “produtos”, uns para resolver conflitos individuais e outros para familiares, alguns capazes de curar angústias e até problemas físicos, de preencher faltas e, acima de tudo isso, a perspectiva de uma mudança na vida, com um possível melhoramento das condições financeiras, por que afinal, os que estão fortificados na fé merecem conseguir sua ascensão. Em relação a isso, o marketing maior representado por Cassas em seus salmos está no salmo das aparições, numa referência mais precisamente à figura de Cristo

corpo chagado
 corpo sarado
 em ascetes
 artificiais
 amanhã e breve
 te verão mais
 reproduzido
 e vendido
 supermercados
 virtuais. (CASSAS, 2001, p.43)

O corpo chagado nos remete à figura de Cristo, e este é reproduzido de forma sarada. Podemos relacionar este aspecto em sua plurissignificação a um

outro aspecto, quando consideramos que no cotidiano atual “o sarado”, o “bonito”, bem delineado é o que chama a atenção, como nos comerciais e propagandas em que se valoriza a beleza estética. O próprio Cristo aparece numa imagem ambígua, moldado para atender à demanda do mercado. E esse corpo é que, segundo o poeta, será o mais vendido ou a imagem mais vendida e reproduzida nos supermercados virtuais. Religião e mercado concretizam sua relação na mercantilização do sagrado, de forma que

O epíteto de “religião de mercado” cunhado por seus opositores, no que pese a jocosidade, está carregado de significado, pois os templos do movimento se transformam em “grandes supermercados da fé”, ou “lojas de conveniência”, onde os bens religiosos são colocados nas vitrines para atrair os consumidores. Isso não é feito de maneira disfarçada, mas é abertamente assumido como marca característica do movimento (JARDILINO, 2007).

A imagem tem muita importância neste mundo contemporâneo. Essa imagem aparece figura, uma figura do Cristo, e ela a mais vendida mais reproduzida. Os bens sagrados são reproduzidos com os bens materiais. A graça é comercializada como outra qualquer mercadoria. Os templos, os programas de televisão, as igrejas se tornam em lugar de comercialização. E o discurso dos dirigentes das igrejas assume essa perspectiva. Pagando uma determinada quantia, você está investindo numa melhoria de vida que Deus vai lhe trazer em virtude desse seu investimento.

O dízimo é uma atividade que está presente nas igrejas cristãs. Ele representa uma parcela de que o fiel tem que colaborar com a igreja, daquilo que você ganha. Algumas igrejas instituem uma quantia, como por exemplo, 10% do que o fiel ganha. Outras não estabelecem um valor específico, mas incentivam a colaboração dos fiéis. A maneira como determinadas

representações religiosas protestantes, por exemplo, lida com a questão do dízimo é representada por Cassas em seu poema “Salmo do dízimo da vida”.

A prática do dízimo acaba tomando dentro de certas igrejas uma importância elevada, que se coloca muitas vezes acima da própria questão religiosa da fé, da conversão. Dentro das próprias orações se dá muita ênfase a questão da contribuição. Como se o fiel ao contribuir, ao vender tudo o que tem e dar a igreja estivesse assegurando a sua própria salvação. Assim Cassas em seu salmo revela um pedido de que é necessário dar tudo que se tem.

dai: tudo que pedirem cede
pois tudo que não cederes fede
dai a prosperidade e a ganância
dai a luxúria e a poupança
dai tudo até o que não tens
só lutando contra a vontade
será quebrado o duro egoísmo
então ladrão purificado
saltarás o muro do paraíso
(CASSAS, 2000, p.34)

Dá tudo que tiveres é o que pede o poema, esse é o dízimo da vida, dá de tudo que tens. Dos teus sentimentos, de tudo que te pedirem. O que não deres não te serve, porque “fede”. É a única forma de saltar ao paraíso, é o que está escrito, e são palavras que estão no evangelho de Lucas. Jesus assegura de que o homem tem que livrar-se de sua riqueza para poder segui-lo. Depois de seguir todos os mandamentos instituídos para os cristãos por Moisés a providência ou atitude a ser tomada é abandonar a riqueza.

E perguntou-lhe um dos principais: Bom Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um, que é Deus. Sabes os mandamentos: Não adulterarás; não matarás; não

furtarás; não dirás falso testemunho; honra a teu pai e a tua mãe. Replicou o homem: Tudo isso tenho guardado desde a minha juventude. Quando Jesus ouviu isso, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa; vende tudo quanto tens e reparte-o pelos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, segue-me. Mas, ouvindo ele isso, encheu-se de tristeza; porque era muito rico. (MATEUS, 15, 13-18)

Cassas representa no título de seu poema a instituição da questão do dízimo, mas o dízimo que Jesus falava e que o poeta cita representa não o dízimo a ser pago na igreja, mas o dízimo da vida. Deve-se desapegar dos bens materiais para poder alcançar as graças de Deus, e “herdar a vida eterna”, como ansiava o jovem rico personagem do texto bíblico. E não o contrário, o que a religião que mercantiliza o sagrado faz. Onde para alcançar a graça é necessário pagar, negociar.

Ao lado do negociar, e dentro da pura estrutura e uma sociedade mercantilizadora não apenas de produtos, mas de emoções e de sensações humanas está à necessidade do consumo. Eis a filosofia do mercado objetivo, consumir o sagrado. Estão nas prateleiras as mais diversas possibilidades. No “Salmo da grande boca”, o homem próprio consome a si mesmo. O mercado consome o homem.

consumimos
frio & quente
consumimos
unhas & dentes
consumimos
tão consudamente
que consumidos
viramos clientes
consume de ente
liquidificador de gente (CASSAS, 2001, p.69)

Seja frio ou quente, estamos consumindo com unhas e dentes, e estamos assim consumando-nos como clientes. Consumindo uns aos outros.

Nossas expectativas perante o mundo. O mercado é liquidificador de gente. Para consumir nada melhor que uma liquidação. Mais barato, mais se consome.

SALMO DO CRÉDITO EM LIQUIDAÇÃO

se a dívida externa
é projeção da dívida interna
vale a promessa
deus nos deve em dobro
o crédito da vida eterna
e ora essa (CASSAS, p. 64)

A oração é essa, Deus deve a vida eterna, é promessa deste. É uma dívida dele para com a humanidade, segundo Cassas. Talvez ele em atitude humana de cobrar de Deus a vida eterna. O humano pelo seu interior, sua postura, dívida interna, possui o crédito e Deus tem a obrigação de pagara este com a salvação, com a eternidade.

O sagrado em Deus Mix está no mercado. Pronto para ser vendido, e vale e cabe ao homem se aproveitar o melhor que puder. Se apropriar da raça que lhe é devida e que pode ser comercializada. Ou o mercado, o viés mercadológico se instala na poesia de Cassas, porque está no próprio discurso da contemporaneidade, e diante disso se coloca não tão somente na poética, mas recria um discurso teológico presente nos poemas do autor.

No salmo da despedida final revela-se o sentimento desse homem representado por todo o livro de Cassas. Um homem que amou o seu, acima do céu, que desejou o próximo morto no Prosdócimo. Ou seja, alguém que tem o egoísmo como cargo chefe de sua vida. Que não pagou o dízimo, aquele dízimo da vida retratado pelo autor. Foi apenas um bom ladrão.

3.4 O SHOPPING DE DEUS: O SAGRADO É A ALMA DO NEGÓCIO

Mercantilizar o sagrado é a alma do Negócio no livro *O Shopping de Deus*, de Cassas. Dedicado “para aqueles que amam a Deus e para aqueles que amam o mundo”, como já podemos encontrar na dedicatória do livro, este livro vai também abordar a temática da alma humana dualizada em sua relação entre Deus e o mundo. A essência de seu poema, portanto é “o paradoxo de sua vidência”, no intuito de equilibrar estas duas grandes polaridades do humano.

O poema de Cassas prefigura os diversos sentidos e sentimentos da alma humana. E esta relação do humano com o material, com o dinheiro, e ao mesmo tempo sem desvincular da necessidade de ter sua fé, de sua relação com o divino, e a espiritualidade. Buscando unir contrários para poder revelar a essência do humano, que é para ele acontece da união da sabedoria de Deus com a sabedoria do mundo. E neste livro como nos anteriores apresenta a multiplicidade do humano, do ser, “sou a legião de heterônomos, de um ilustre nome anônimo”, um “solitário na multidão, multidão no solitário”, um poeta solitário na multidão, por ser tão especial a sua poesia, seu fazer poético voltado para a multifacetada alma humana preocupado com este humano, como ele mesmo se define um poeta em extinção e multidão no solitário, multidão de experiências sagradas, sociais, humanas, pessoais.

Em *O shopping de Deus* o anseio do poeta é estabelecer um desconflito à dicotomia da vivência Deus-homem-mundo representada pelo espiritual e pelo material. Para compreender o poema é necessário enxergar a evidência da presença e pertença do humano a estes dois elementos. O que existe nesse

entremeio é uma unidade, “e o poeta nos pede para não pecar contra ela”. É somando estes contrários que se faz a poesia, onde a luxúria é a castidade do poeta. Buscando no shopping de Deus a graça, e o deus Money, “good is Money”, god is Money.” Até o céu está em liquidação, enquanto o purgatório ladrão do crediário vende sua alma em cartório.

O dinheiro é um deus terrível
 Que gosta de ser adorado face a face
 E paga à vista os seus milagres
 Condecorando o vivo com moeda na língua
 Para absorvê-lo da ferrugem do sol dos miseráveis

Quem penetra na arca de deus
 Meditando sobre suas efígies e cifrões
 Descobre que a vida é moeda barata
 E oferta o sacrifício da alma falsificada
 Para renascê-la banhada no ouro do bandido

Lutar contra esse Deus é absurdo
 Renegá-lo e dar-lhe a coisa: anátema
 Mas interná-lo num asilo de loucos
 É resuscitar do lucro a marca da criança
 Que ofertará flores aos fantasmas da inocência

Ele é ovelha que foi perdida e reencontrada
 Good is Money god is Money
 A ovelha que extraviou a todo e foi extraviada
 A ovelha que por todos foi penitenciada
 E agora clama e chama por todos na estrada
 (CASSAS, 1998, P.103)

Não apenas mercantilizar a graça de Deus, mas mercantilizar próprio deus, elevar o dinheiro, moeda do mercado à categoria de deus, a categoria de sagrado. É o que aborda o poema “A alma do negócio”. Enquanto Deus cristão quer ser adorado em espírito o dinheiro quer ser adorado face a face, e paga a vista seus milagres. Para alcançar um milagre é necessário ter fé, para o Deus dinheiro não. O milagre acontece de acordo com o investimento, porque a vida é moeda barata, para os fiéis desse deus. Em um mundo em que o que vale é

a oferta, o lucro, o ganho, ao adentrar e analisar o deus dinheiro e o culto a este deus o resultado e a conclusão é de que a oferta é sacrifício da alma falsificada. A oferta é um dos moinhos do sistema capitalista, do mercado, ao lado da procura e da produção de bens. No poema de Cassas ela se torna um sacrifício efeito de uma alma falsificada, de uma alma que não existe. No mercado não existe alma, existe material, produto, ganho.

Cassas revela neste poema a relação do homem com o financeiro, estabelecendo para o dinheiro essa divinização, que passa a ser cultuado em atitude de adoração. E apresenta aos poucos o que transforma e como se transfere a atuação desse deus sobre o homem de maneira negativa. A influência do dinheiro sobre o homem responsável por causar um esvaziamento do ser “a ovelha que extraviou a todo\$, e foi extraviada.” Para o poeta e para o humano “good is Money”, tão bom que acaba se tornando o deus “god is Money”. Um deus que está sempre em busca de novos fieis, que possam investir capital “E agora clama e chama por todo\$ na estrada”.

Interdiscursivamente Cassas neste poema dialoga com o discurso teológico trazendo o tema da mercantilização do sagrado, e, além disso, dialoga Intertextualmente com o texto bíblico da parábola da ovelha perdida.

Qual de vós é o homem que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto, e não vai após a perda até que a encontre? E achando-a, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo; e chegando a casa, reúne os amigos e vizinhos e lhes diz: Alegrai-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se havia perdido. Digo-vos que assim haverá maior alegria no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento. (LUCAS, 15, 1-7)

Cassas retoma a figura da ovelha perdida, apresentando a questão do

pecado e da remissão destes diante de Deus em termos financeiros. O dinheiro é o deus, mas é também o pecador, a ovelha que foi perdida, e é a causa do pecado, que extraviou a todos e foi extraviada. Como na parábola é a ovelha que foi perdida, que o dono voltou para buscá-la e foi reencontrada.

LADAINHA DO CIFRÃO

\$
 ó cifrão
 serpente arcaica
 elevada na cruz
 mitraica

\$
 Nos tabernáculos da moeda
 o logotipo é o antídoto
 time is money
 god is Money

\$
 Ó cifra
 decifra-me

\$
 Cobra
 Na
 Cria:
 Vejam:
 Vejam
 Como

a
 \$
 \$
 o
 b
 i
 a

\$
 \$
 \$

(CASSAS, 1998, p.125)

No poema ladainha do cifrão Cassas retoma uma estrutura de um gênero de oração, de texto da religião católica. A ladainha é um conjunto de cantos ou

preces com que na igreja se dirige a Deus, à Virgem e aos santos. Trata-se de uma forma de oração dialogada, na qual os fiéis se ocupam das respostas. O sacerdote recita uma frase e os fiéis recitam a seguinte, e assim por diante. Dessa maneira Cassas retoma através da arquiteitualidade um gênero de texto para criar o seu poema. A própria estrutura do texto revela a tentativa do poeta de reproduzir este gênero em seu poema. Os primeiros versos das estrofes iniciam-se com exortações ao cifrão: “Ó cifra”, “Ó cifrão”. A repetição de palavras indicando a resposta dos fiéis: “veja”, vejam”

No poema anterior “A alma do negócio”, o dinheiro é um deus, na ladainha do cifrão deus é dinheiro “god is Money”, primeiramente Cassas retoma a filosofia do capitalismo “time is Money”, tempo é dinheiro”. E se o tempo é dinheiro Deus também é dinheiro, o cifrão é o símbolo que representa esse material elevado a categoria de sagrado.

No poema a seguir o tema é “o prejuízo final”. O que não é consumido na economia de mercado é prejuízo. E assim como há na bíblia um momento pra o Juízo final, cassas representa o juízo não, mas o prejuízo final representando o mercado e ao mesmo tempo a recorrência e diálogo com o tema teológico.

O DIA DO PREJUÍZO FINAL

Estação do pós-moderno;
O inferno iniciou
Sua temporada de inverno
Já o céu (verão)
Ensimesmado dragão
Está em liquidação

Só o purgatório
Ladrão do crediário
Vende a alma em cartório
(CASSAS, 1998, P.119)

O juízo final é um dos grandes temas da humanidade, que está presente em várias religiões. E, por conseguinte nas religiões cristãs através dos textos bíblicos. Sendo que cada religião, e cada vertente do cristianismo apresenta uma interpretação para esse tema. A crença de que haverá um julgamento para a humanidade, e que Deus será o Juiz que condenará o homem pelos seus atos. Na bíblia aparece o juízo final como um estágio após a morte, ao qual, todos os homens estão destinados: "E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo," (**Hebreus 9:27**)

O sentido escatológico deste tema é responsável por dar sentido às práticas religiosas, pois juntamente com este conceito incidem as idéias de pecado, de condenação, pelas práticas humanas. O juízo, julgamento aparece na bíblia, mas não com um momento da história e sim como um tempo indeterminado, "final dos tempos", e tem influenciado diversos povos em diversas épocas, de modo que este tem procurado estabelecer crenças e de épocas diversas para esses acontecimentos de acordo com suas interpretações.

No texto de Casas céu e inferno estão em polaridades opostas por este prejuízo final. O depois dos tempos se transforma em pós-modernidade. O destino dos homens no Juízo final, segundo a crença, seria o céu, o inferno ou o purgatório. No texto de Casas segue a mesma estrutura. O céu está em liquidação, o inferno iniciou sua temporada de inverno para atrair novos clientes, enquanto que o purgatório está vendendo até as almas em cartório, sendo este ladrão do crediário.

Tudo se justifica pela lógica do mercado no texto de Casas revelando um discurso poético que se manifesta entrecortando as falas de discursos da

teologia através da interdiscursividade com o texto bíblico e trazendo também o discurso do mercado, de oferta, procura, troca, venda.

3.5 SAGRADO GLOBALIZADO NOS POEMAS DE CASSAS

Em um passado distante o Brasil passou por o dia do Fico, em que Dom Pedro I assumiu o Brasil um pouco antes de proclamar a independência. A fala expressada pelo príncipe regente foi à seguinte “Se é para o bem de todos e felicidade geral da não, diga ao povo que fico”. Em ATOS DE PILATOS (5), é o marketing do momento, apresentando diversas empresas, num tom irônico de verdadeira propaganda. De modo a divulgar a prontabilidade para suprir as necessidades do consumidor.

Pilatos lava as mãos diante da responsabilidade de crucificar Jesus. O mesmo não acontece com D. Pedro I, que resolve ficar no Brasil, contrariando a corte Portuguesa, que desejava que ele voltasse.

Em atos a Pilatos o poeta satiriza a situação e coloca a propaganda de produtos, de marcas de sabonete a evidenciar que Pilatos lavara as mãos e joga com a idéia do fato histórico. Se for para o bem e felicidade dos sabonetes.

se for para o bem da lux
e felicidade da Gessy-lever
diga ao povo que phebo

mas se a honra for do sol
e o patrocínio levar gelol (Cassas, 1998, p. 145)

Mas a marca da humanidade contemporânea, da tecnologia, e do máximo de rapidez é o fast-food, o alimento rápido e prático. Neste fast-food da vida o poeta procura entender as razões para o estado de espírito, a investigação da alma humana. Seu estado de angústia como um sacrifício da alegria. Uma refeição completa familiar era motivo de felicidade, mas apenas os pratos e talheres sabiam, não o era o ser humano consciente dessa felicidade.

Fast-Food

A mesa era dura
Com uma toalha macia
De vida vazia
Não desavia amor. Mas a cor
Multifrenética das iguarias
Disfarçava o amargo da boca
Igual um self-service de ternura.
Éramos felizes e alegres
Mas só pratos e talheres sabiam.
Ó bois novos engordando
Para o matadouro da fantasia!
Angústia e batatas fritas,
Possessivos e passivos,
Seguíamos altivos e vergados
Para o sacrifício da alegria. (1998, p. 159)

A vida é vazia e fugaz como o fast-food. Já se tem dentro das próprias religiões uma concepção da existência de chamada “Geração fast-food.” Tudo tem que vir rápido e fácil, embalado e pra consumo instantâneo. Uma geração que ao representar seus conceitos e levar uma vida pautada na frenética acessibilidade, no avanço tecnológico, se apresenta suscetível a ansiedade, a depressão. Disfarçando os sofrimentos humanos. O mais barato, mais rápido, mas a menor inconsistência do fato. Angústia toma conta do poema, porque a alegria está em sacrifício. Quando havia as verdadeiras refeições se era feliz e não se sabia.

(...)

estou absolutamente fracassado
com o êxito conquistado

durmo com Deus
e acordo fiado

sou uma manhã de domingo
com cara de terça-feira
devo e não nego
mas só pagarei quando não puder. (CASSAS, 1998, p.106)

A sociedade do Sagrado mercantilizado é geradora de um esvaziamento do ser. Mercantiliza-se a fé e os sentimentos humanos a fim de se preencher. É mais fácil levar a vida inspirada no Fast-food. Num possível “self-service” de ternura, tudo é possível obter mercantilizando. Onde Angústias e batatas-fritas equivalem ao mesmo tempo à mesma importância.

Controle de Qualidade

ar puro
só na McDonald's
e nos campos do Senhor

Só em Deus e no McDonalds é que existe ar puro. Diante desta afirmação o poeta coloca Deus no mesmo patamar que o McDonald's, dessacralizando a imagem de Deus ou sacralizando a imagem do McDonald's. Para melhor resultado da comercialização do produto é necessário manter a qualidade, é uma das regras de produção.

Na sua invocação Cassas invoca o próprio mercado, a preencher o espaço diante do sagrado. Um sagrado uma imagem divina que engorda com a pizza, que embriaga-se com vinho, perfuma-se, hospeda-se, toam sorvete. Deus é onipresente no mercado. E o mercado é onipresente em Deus.

Invocação de Jack no Reino do Franchising

Pizza hut
 engordai o senhor
 Víncola Aurora
 embriagai o senhor
 Água de cheiro
 perfumai o senhor
 Mr. Cat
 caçai o senhor
 Holliday In
 hospeday o senhor
 Sorvetes babuska
 deliciai o senhor
 Móveis hobjeto
 descansai o senhor
 Dr. Scholl
 desencravai o Senhor
 Golden Cross
 recuperai o senhor
 Transbrasil
 Viajai senhor
 Giorgio Armani
 vesti o senhor
 NET e INTERNET
 celebrai o Senhor
 Porque toma emulsão Scott
 o Senhor é forte
 Porque usa salsaparrilha
 o senhor produz maravilhas
 Porque usa produtos Kibon
 o Senhor é bom
 Porque toma todo dia Toddy
 com Ele ninguém pode (CASSAS, 1998, 179)

Em cada canto do mundo uma multinacional toma conta das necessidades humanas. Assim o produto está disposição de todos inclusive do Senhor. O sagrado está no mercado também, provando que o produto é bom. A linguagem oferecida pela propaganda, onde alguém consagrado pela mídia se apropria de um discurso para exaltar o produto. Cassas, neste poema, joga com a ideia de fazer valer a autoridades e a importância de Deus para assim também consagrar as empresas.

O “Deus” destes livros é um Deus por fazer, como afirma o próprio poeta. Um deus que se modela de acordo com as necessidades de sua época. O viés religioso é tomado pelo discurso da oferta e da procura onde as indigências humanas das mais variadas se confundem com a questão da necessidade de consumo. Mais do que eu conseguir os bens religiosos, as graças estão comercializadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de discutir a relação entre os poemas de Luís Augusto Cassas com a Teologia e a Religião através de processos transtextuais e interdiscursivos, reconhecemos no texto do poeta um conteúdo palimpsestico por meio do qual nos é revelado, como por transparência, a relação com textos bíblicos, estabelecendo a este modo uma relação entre o texto e seu hipertexto bíblico. O texto de Cassas também transfigura a relação do humano com o sagrado e apresenta esse humano presenciando a mercantilização do sagrado, por meio do qual um homem multifacetado se reveste de sua experiência religiosa e vivencia a sua relação com o mundo. A poética de Cassas é poesia reveladora do humano. Onde o humano não é o centro, mas o é o conflito entre as duas partes que congregam esse humano: sua relação com Deus, com sua religião, e a sua natureza mais humana, mais influenciada por todos os meios de comunicação, por todos os efeitos de uma sociedade capitalista e mais do que isso globalizada, e globalizadora.

O cerne do poema desse poeta maranhense é desvelar a alma humana, que é integradora dos bens materiais e bens espirituais, sendo esse encontro tecido onde as duas faces se misturam, onde o humano passa a querer mercantilizar o sagrado ou sacramentar o efêmero dos bens materiais e mundanos.

Trilhamos um caminho pelo qual reconhecemos de início, no primeiro capítulo, a configuração e natureza do texto literário em sua dialogicidade com outros textos, posto que estão na cultura e passam por processos como o de carnavalização, responsável pela dimensão cômica do texto e, porque não dizer, lúdica. Neste sentido, o texto de Cassas reflete a sociedade e o humano a luz desse princípio de carnavalização do texto literário.

No segundo momento, apresentamos essa relação se estabelecendo entre Literatura e Teologia, Literatura e Religião. De como o mundo globalizado revela-se enquanto refere-se aos bens simbólicos, enquanto detentor de visões de mundo voltadas para o Sagrado, e o quanto a religião coloca-se em meio a todas as transformações socioeconômicas. Sendo esta última o lugar onde

pode-se encontrar o sagrado mercantilizado.

No terceiro capítulo, analisamos e interpretamos como a mercantilização do sagrado é metaforizada pelos poemas de Cassas em **Deus Mix** e **O shopping de Deus**. Em **Deus mix** se revela a vivência do humano com o sagrado através da experiência dos Salmos, os Salmos Energéticos. O Deus é mix, é múltiplo e está reproduzido nos supermercados da fé. Em o **Shopping de deus**, encontramos mais uma vez a experiência do texto literário com a temática teológica, com figuras que revestem o tema da mercantilização do sagrado, mostrando segundo o eu poético que o sagrado é alma do negócio. O sagrado está num shopping e pode ser confundido com a sua marca, porque o humano está nestes poemas virtualizado em suas duas dimensões: a profana e a sagrada.

Os poemas de Cassas se apresentam como um rico repositório de estratos textuais pluridiscursivos, portanto, plurissignificativos, sempre tecidos na interface entre o literário e o teológico. Constatamos, por fim, que a obra de Cassas se apresenta como refiguração, portanto, reelaboração e reescritura de temas teológicos, que se expressam por meio de encadeamento de figuras e símbolos do sagrado, através de reelaborações poéticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado. Entre Santos. In: FILHO, Proença. **Melhores contos de Machado de Assis**. São Paulo: Global, 2001.

BACKHITIN, Mickail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universitária de Brasília, 2008.

BRANDÃO, Eli. **O Nascimento de Jesus-Severino Como Revelação da Esperança: Leitura na ponte entre Teologia e Literatura**. In; SWARNAKAR, Sudha (Org.). Tecidos Metafóricos. João Pessoa: Idéia, 2003. p.141-198

BRANDÃO, Eli. **O Símbolo na metáfora: fronteira entre o literário e o teológico**. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da. Literatura e Estudos Culturais. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004. p. 51-82.

BÍBLIA SAGRADA, **Edição Pastoral-catequética**. 137. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2000.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Religião e Mercado: a igreja Universal e a teoria da Mercantilização do sagrado. In: _____ **Templo, Mercado e Religião**. São Paulo: Vozes, 1997. (p.165-202)

CANDIDO, Antonio. A Literatura e a vida social. In: _____. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASSAS, Luís Augusto. **Deus Mix**: Salmos energéticos de açaí com guaraná e Cassis. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

CASSAS, Luís Augusto. **O shopping de Deus & a alma do negócio**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CULLER, Jonathan. Literatura e estudos culturais. In: _____. Teoria Literária: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999. (P. 48, 58)

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do Discurso**. São Paulo. São Paulo: Ed. Contexto, 1994.

HOUTART, François. **Mercado e religião**. São Paulo: Cortez, 2002.

IBARRONDO, Xabier Pikaza. **Monoteísmo e Globalização**: Moisés, Jesus, Muhammad. São Paulo: Vozes, 2004.

JARDILINO, José Rubens L. **Sedução e Conversão Religiosa num Contexto de Globalização**. <http://www.pucsp.br/nuces/revista1/jardilino.pdf>, 2007

SUNG, Jung Mo. Sementes de esperança. A fé em um mundo em crise. Petrópolis: Vozes, 2005.

LYRA, Pedro. **O conceito de poesia**. São Paulo: Ática, 1986.

MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2000.

MAGALHÃES, Antonio. Contexto dos estudos da religião. In:_____. **Expressões do sagrado: reflexões sobre o fenômeno religioso**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. A heterogeneidade Mostrada / Do discurso ao Interdiscurso. In:_____. **Novas tendências em análise do Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1993, p. 75-126.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. A noção de hipertexto e sua contribuição para os estudos literários. In: BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva (org.). **Literatura comparada: teoria e prática**. Porto Alegre: DC Luzzatto, 1996.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

OLINTO, Heidrun Krieger. Literatura/cultura/ficções reais. In_____. **Literatura e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo; Loyola, 2003.(P. 72-84)

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Textualidade**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

SILVA, José Mario da. Da Aura do Deus Mix ao Shopping do homem múltiplo: Uma poética caleidoscópica. In:_____ **Mínimas leituras múltiplo interlúdios**. João Pessoa: Idéia, 2002. p. 86-98.